

EX-LIBRIS



RUBENS BORBA &
ALVES DE MORAES

Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

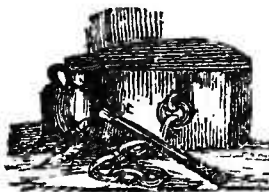
Ex Libris
José Mindlin

OS
MYSTERIOS DA ROÇA

POR

VICENTE FELIX DE CASTRO.

TOMO FERCEIRO.



GUARATINGUETÁ,

TIP. COMMERCIAL DE V. R. DA FONSECA,
rua Verde n.º 27.

1864

MYSTERIOS DA ROÇA.



TERCEIRA PARTE.



CAPITULO PRIMEIRO.

A chacara das Palmeiras. — Epiphanio e o guarda-mór Estevão.

Quinze dias se ha decorrido depois da scena que referimos no ultimo capitulo da segunda parte desta historia.

Está-se em fins de Setembro, n'esse mez em que as queimas das roças elevam seu nevoeiro de fumo á immensidade, e que por ella se espalha, occultando o bello azul do céo e dando um aspecto melancolico e saudoso ás montanhas pittorescas, que se desenhão em redor da cidade de ***. Os cantos dos passarinhos mesmo parecem entristecidos, e o som de suas endeixas é repercutido no intimo de uma alma sensivel, que, entregue aos pensamentos da saudade, deixa escapar de seu peito alguns suspiros suffocados....

Epiphanio, pois, é quem está soffrendo por essa maneira ; — as saudades que lhe amarguram a existencia são de Carolina, doce imagem dos seus sonhos, que o alimenta com a esperanza de um porvir dourado e risonho.

Elle está refugiado n'uma linda chacara, pertencente

ao guarda-mór Estevão, honrado pai de familia, que, dotado de virtudes, é o amparo dos infelizes, não fazendo garbo do sua philantropia, antes esquece as bellas acções que pratica, como se ellas nada lhe custassem, e por consequente julgando-as insignificantes em relação aos seus teres, pois que tem uma boa fortuna adquirida por honroso trabalho.

O guarda-mór é um homem de sessenta annos mais ou menos, porém goza de vigorosa saude, e cuja physionomia grave e expressiva retrata a generosidade de sua alma nobre. Suas excellentes qualidades o fazem digno da estima dos seus conterraneos, accrescendo ainda possuir uma intelligencia esclarecida, intelligencia que se patentea nos empregos que dignamente occupa de juiz de paz e presidente da camara municipal da cidade.

Sua familia não é numerosa: tem apenas duas filhas casadas, uma solteira e um filho de menor idade, que estuda em S. Paulo os preparatorios para matricular-se na Faculdade de Direito.

A esposa de Estevão terá quarenta e cinco annos; é senhora respeitavel e muito presada de seu marido, tendo um coração bem formado.

A mão bemfazeja do guarda-mór é que havia soccorrido ao pobre Simão, dando-lhe para morar a pequena casa da cidade e alugando-lhe depois a chacrinha das —Gabiobas— pela modica quantia de dez mil reis mensaes, como sabe o leitor, e isto mesmo fôra por insistência do paralytico ancião, pois que a vontade do proprietario era dar gratuitamente á infeliz familia o pequeno sitio para n'elle habitar em quanto quizesse; mas como Simão tinha mensalmente sessenta mil reis, Estevão accedeu ao pedido do honrado velho, fixando o arrendamento por tempo indeterminado.

O guarda-mór tinha tambem um optimo sitio de cultura, junto á chacinha das —Gabiobas— para cujo sitio se mudava com sua familia no tempo da colheita do café, deixando assim a sua chacara das —Palmeiras— pelo espaço de tres a quatro mezes; regularmente ahi passava a maior parte do anno, por ser uma habitação mais aprazivel e poetica, situada quasi nos suburbios da cidade.

Descrevamos essa linda chacara ao leitor

A casa é de tamanho regular e feita com o gosto mais apurado; é uma habitação verdadeiramente bella. Duas alas de copadas palmeiras principiam desde o portão de grades de ferro, que se vê na distancia mais ou menos de quinze braças da porta principal da casa, abrindo esse portão para risonho campo, onde pastam diversos animaes.

Nos intervallos das palmeiras vê-se tambem duas alas de rosas variadas, cultivadas com cuidado pelas mãos de habil jardineiro. A rua que tem vinte palmos de largura, é toda forrada de fina e branca arêa, e os leques das palmeiras, oscillando continuamente pelo sopro da briza, que ahi cecea mansinha, se beijam sempre como dois amantes extremos.

O observador que attentamente contemplar essa rua de palmeiras e flôres, e em baixo do tecto de verdura tomar a fresca aragem da tarde, por certo que se deixará arrebatado para o mundo da poesia, respirando o ar saturado pelo perfume das rosas, e então quantas sensações não experimentará e quantas saudades não lhe virão pungir a alma !...

Os sitios mais amenos e ridentes, os mais bellos e magestosos, ainda assim despertam no coração do pensador vaga e indefinivel tristeza, como os lugares ermos e som-

brios, onde não se ouve o doce murmurio da cascata e nem o gorgear de um só passaro acorda ali o echo adormecido da solidão. Essa tristeza só Deos comprehende,

Formoso jardim se desenha por um dos lados da casa, mostrando n'elle variedade de flôres em seus canteiros symetricos, não deixando de ver-se crystallino tanque, formado pela agua que sussurrante se desliza por estreito rego, vindo de mais longe.

Pelo lado do quintal, um grande pomar com seus dourados fructos, pendidos lindamente em suas hastes, se grupão em pesadas pencas.

A chacara das — Palmeiras —, emfim, é uma habitação deliciosa ; tudo n'ella falla poesia : é um perfeito poema de suave canto.

Epiphanio, pois, entregue ás saudades de sua querida Carolina, meditabundo, sente a briza da tarde roçar as suas azas perfumadas por seu rosto tomado de melancolia. Que profusão de idéas amorosas não enxameavam o pensamento do joven !...

Seria talvez a pagina mais saudosa de sua vida....

Contemos ao leitor a maneira porque o joven Mattoz viera refugiar-se na chacara do guarda-mór Estevão.

Sendo este um dos que se havia empenhado com o sub-delegado Apollinario para favorecer ao amante de Carolina, não tendo isso lugar, retirou-se, indo prometter á respeitavel mãe de Epiphanio que o tomaria debaixo de sua protecção, e que o crime de que o imputavão havia de ser d'alguma fórma remediado, visto como dependia ainda da sustentação ou revogação da pronuncia ; n'essa occasião offerecêra a sua chacara ao joven para n'ella estar durante o tempo em que estivesse homiciado, e que ahi seria como em sua propria casa.

O joven, reconhecido, aceitou esse generoso offereci-

mento, communicando, todavia, ao seu amigo Fabricio, que approvou logo a tão bello retiro para um *criminoso importante* como Epiphanio.

No dia seguinte ao em que Mattos tivéra conhecimento de sua injusta pronuncia, se retirára com cautela para a chacara das —Palmeiras— sendo recebido pelo guardamór com o maior prazer.

Ahi o mancebo soube por Fabricio da scena que se déra com Carolina, em casa de Leopoldo, livrando-a das mãos do terrivel commendador o mysterioso personagem, que inesperadamente apparecera, como um soccorro enviado pelo céo.

A linda viuva, tendo sido em desmaio arrebatada por esse desconhecido, quando deu accordo de si, se achava em sua propria casa com a alma muito agitada, pensando em João Antonio, que a fazia tremer de medo; porém o personagem, tranquillizando-a, disse-lhe que não tivesse o menor receio, pois que espiaria todos os passos do commendador, até que pudesse, em occasião opportuna, vingar a Carolina, cuja vingança não havia já tomado por mysteriosas circumstancias, que mais tarde explicaria á moça.

Debalde esta quizéra saber o nome de seu salvador e o modo por que tão a proposito lhe viéra soccorrer na perigosa situação em que se achára, a menos que não fosse isso obra do acaso, o mais tudo lhe parecia um mysterio.

O desconhecido ponderára que sentia não satisfazer os desejos da formosa viuva pela razão já dita, e que para beneficiar-lhe não importava o seu incognito, promettendo á joven que em breve ella se uniria a Epiphanio de Mattos pelos laços do hymeneo, pois que estava ao facto de seus amores, assim como d'esse drama de san-

gue que se dêra, no qual procurárão comprometter o mancebo como mandatario da morte do Guimarães, mas que tinha toda a certeza da innocencia de Epiphanio, e que em pouco tempo o verdadeiro autor do assassinato havia de ser entregue ás mãos da justiça.

Carolina ficou surprehendida assim ouvindo fallar o desconhecido que de tudo sabia; e para não importunal-o com perguntas, agradeceu-lhe do intimo d'alma o grande serviço que lhe fizêra, protestando-lhe eterno reconhecimento.

O mysterioso personagem sabia ainda que entre o amante da linda viuva e Fabricio existia estreita amizade e por isso tirado logo um lapis escreveu algumas linhas n'uma folha de papel, sempre com mysterio, no qual dizia ao amigo de Epiphanio, que os incommodos d'este seriam de curta duração, e por consequencia elle desconhecido havia de confundir, pulverisar mesmo, os intrigantes, derribando esse castello de embustes e traições com a força invencivel da verdade e da innocencia. Em succintas palavras o homem mysterioso concluíra o bilhete, assegurando que o desejo de ser prestavel aos que soffrem é que o impellira a escrever essas linhas, e que o joven Mattos assim o acreditasse, não se impacientasse em querer conhecer a quem lhe fazia um tal serviço, convindo por ora que tudo isso ficasse nas sombras do mysterio.

O bilhete fóra escripto ás pressas no mesmo momento em que Carolina agradecia ao desconhecido o favor que lhe tinha feito; depois do que o estranho personagem disse á moça que mandasse entregar esse bilhete a Fabricio no dia seguinte, com o maior cuidado.

O desconhecido retirou-se sem mais detença, deixando a bella viuva entregue a mil pensamentos; ora como

que via a figura ensanguentada de seu marido fitando-a com o semblante terrível; ora julgava ainda achar-se n'essa cruel situação em que João Antonio estava por instantes a perdê-la; ora, enfim, enxergava o rosto traçoeiro de Leopoldo, sorrindo-lhe com a falsidade de um verdadeiro Judas; porém a nuvem sinistra que obscureceu a linda fronte de Carolina se dissipára logo que uma idéa luminosa se desabrochára em sua mentê: era a promessa do seu estranho benfeitor, trazendo-lhe o nome querido de Epiphanio, nome que, semelhante o anjo da paz, vinha serrear o mar procelloso que os temores de seu coração formava, fazendo n'elle apparecer a bonança.

A joven, pois, creára animo, tendo toda a esperança em Deos.

O escripto foi parar ás mãos de Fabricio.

Immediatamente este correu á casa da formosa Carolina e de tudo scientificou-se, indo levar tão grata noticia á Epiphanio, que ficou admirado em ouvil-o, abençoando o mysterioso personagem que livrára a sua futura esposa das garras do hallucinado commendador.

O joven estava n'essá melancolica e saudosa contemplação, encostado a uma das janellas, da qual avistava a rua das palmeiras, quando Estevão appareceu e disse-lhe com summa bondade:

— O que está pensando, Sr. Epiphanio?

— Uma saudade pungente, Sr. guarda-mór, me toma o coração, ouvindo além o canto entristecido do sabiá — como as cordas sentidas de suspirosa harpa; ali os gemidos da briza por entre os leques das palmeiras, e mais longe aquelle céo enfumaçado tão cheio de poesia...

— Tudo comprehêndo, observou Estevão com sorriso prazenteiro; o coração juvenil é susceptivel a estes soffrimentos, mormente quando se ama a uma mulhêr bella.

— É verdade, Sr. guarda-mór, respondeu o amante de Carolina com voz pezarosa, amo-a muito.

— Sr. Epiphanio, não se amofine com tal paixão ; a viuva do Guimarães ha-de ser em pouco tempo sua esposa, eu lhe affirmo.

— E o crime que me imputáram, senhor ?

— D'isso não se receie ; e enquanto não descobrir o verdadeiro autor do delicto, não descançarei. Tenho justas suspeitas contra Leopoldo de Campos ; e de tudo quanto me contou respeito ao aventureiro faz-me pensar que ha n'este negocio um grande mysterio que cumpre rasgar-se o véo que o occulta ; a falsidade d'esse homem para com a infeliz viuva, entregando-a a João Antonio, é uma prova assaz ardente de que elle é o autor de toda essa intriga.

— Agora estou convencido, Sr. guarda-mór, que Leopoldo é o motor de tudo; depois da traição que me fez não resta a menor duvida que foi elle quem procurou comprometter-me n'esse assassinato do negociante.

— Leopoldo seria capaz de comprar alguns d'esses miseraveis bandidos, que vagão pela cidade, os quaes por qualquer punhado de dinheiro, fariam tudo quanto o aventureiro quizesse.

— Reflexiona muito bem, Sr. guarda-mór, volveu o mancebo gravemente e como adivinhando já quem eram os assassinos do Guimarães; na tasca do cigano Matheus, por alcunho o —pai Indá—, á noite se junta ali gente baixa e infame...

— Assassinos e ladrões...

— Diz bem, senhor, assassinos e ladrões. Entre elles ha tres individuos, que de continuo estão n'essa taverna; dizem que são refinados tratantes e....

— E a nossa policia deixa-os tranquillamente viver,

não se importando que elles commettão roubos e assassinos ! Isto para nós é uma vergonha, senhor Epiphanio, ponderou Estevão com pezar.

— Ah ! Sr. guarda-mór ! Apollinario é um juiz muito parcial e...

— A proposito, contarão-me um facto d'esse subdelegado que o degrada muito : — um celebre Capador, ladrão temivel, que passeia pela cidade muito á sua vontade, roubára dois escravos, que foram vendidos no termo d'esta cidade ; algum tempo depois do roubo feito veio uma deprecada contra o bandido, mas Apollinario, em vez de cumpri-la, deu aviso ao capitão João Antonio, por que o ladrão era capanga d'este, e assim o subdelegado entregou a precatória a aquelle, como humilde creatura sua ! isto, Sr. Mattos, foi-me communicado pelo proprio escrivão João Rodrigues, ha oito dias.

— Que aviltamento para a justiça ! exclamou o joven em tom de censura ; diz-me o coração, senhor, que o principal autor da morte do Guimarães é esse Capador, apaniguado de João Antonio e de Leopoldo, segundo dizem na cidade.

— Ha probabilidade d'isso, e amanhã pretendo ir ver se obtenho algumas informações respeito a Leopoldo e ao Capador. Quanto ao subdelegado Apollinario, em tempo opportuno ha-de pagar a grande falta que commetteu. E' provavel, Sr. Epiphanio, que n'estes quinze a vinte dias o veja livre d'essa calumnia que lhe armáram.

— Ah ! Sr. guarda-mór ! assim Deos permittisse !

N'esse momento um molequinho veio dizer a Estevão que o jantar estava na mesa,

— Vamos, Sr. Mattos, vamos comer alguma cousa ; depois então tornaremos á nossa conversa.

E Estevão levou o seu hospede para o interior da casa.

CAPITULO SEGUNDO.

As moedas falsas do commendador João Antonio.

O leitor, por certo, estará ancioso por saber o que é feito do hallucinado capitão.

Elle ficára petrificado ouvindo fallar o mysterioso personagem; e quando deu acôrdo de si achava-se só no quarto, e então, tomado de subito terror, principiou a tremer, como se enxergasse ainda a terrivel apparição que o assombrára.

— E' elle ! é elle ! dizia João Antonio com voz surda.

E novamente occultou o rosto nas mãos para não ver o fantasma, que se mostrava á sua desvairada imaginação.

Dir-se-hia que a alma do commendador n'essa hora lutava horrivelmente com os espiritos infernaes, pois que pronunciava palavras inintelligiveis, e como que expulsava de si hediondas figuras que o atormentavam.

— Oh ! são os diabos que me queimão o peito com o fogo do inferno ! murmurára esse homem terrivelmente.

E o capitão, atterrorisado e com o semblante medonho, como se fôra um possesso, sahio do quarto, correndo para fóra.

Na porta da rua encontrou-se com Leopoldo, que procurou deter a João Antonio, mas este, julgando que mais um demônio o perseguia, balbuciou com voz cavernosa :

— Fúrias do inferno ! deixai-me !

E desapareceu no mesmo momento.

O aventureiro, estupefacto, não poudo comprehendêr o que significava esse terror do commendador.

E para sahir do estado de perplexidade em que se achava, dirigio-se ao interior da casa, acreditando que o véo do mysterio romper-se-hia desde que lhe fosse dado fallar á Carolina, a quem esperava encontrar entregue á mais pungente angustia : foi por tanto com crescente espanto que percorreu infructiferamente todos os apósentos, que estavam desertos, sendo apenas correspondido em suas pesquisas pelo echo dos proprios passos; lembrou-se então de sua escrava, e apressado chamou por ella. A preta acudio logo, vindo da cozinha. Então o aventureiro buscou compensar o tempo que havia perdido, interrogando incessantemente a escrava, que, aterrada, declarou que, ouvindo um ruido no quarto da desventurada viuva, a elle dirigio-se, e vio um vulto negro, que apoderando-se da infeliz senhora, a levou, deixando o capitão João Antonio estupefacto e horriavelmente transtornado, e ella, pobre escrava, entregue ao maior torpor, não poudo soccorrer á linda viuva.

O ex-professor não podia definir um tal mysterio, e deu mil tratos ao pensamento, sem com tudo atinar quem fosse o vulto que arrebatou Carolina; por fim, já tendo o espirito cansado, passára-lhe pela mente a idéa de Epiphanio, pois que só este teria o interesse de soccorrer á sua amante; mas não estava o joven seguro da promessa d'elle, Leopoldo? não fóra com o consentimento d'aquelle que Carolina se entregára á guarda do mesmo aventureiro? — quem, pois, perscrutaria os seus segredos, indo dar aviso ao mancebo, que João Antonio n'essa noite seria senhor da linda viuva?

— Não admitto que Epiphanio tenha o dom de adivinho, reflexionava consigo o astuto Leopoldo, e consequentemente o meu juizo é erroneo; o que está me parecendo, porém, é que este negocio encerra arcanos que me cumpre penetrar-os; mas em todo caso como já estou quasi seguro da metade da fortuna do nescio capitão, pouco me falta para attingir aos meus fins... o rapto da menina Maria está planejado; ella ha-de ser minha, seja lá por que modo fór. O Capador e o Peito-Cabelludo serão bastantes para realizar semelhante empreza, sem o maior trabalho.

E o aventureiro, tendo o pensamento occupado com essas idéas, dirigio-se ao seu quarto, accrescentando ainda:

— Para possuir a Flór-de-Abril é-me preciso ter, nas mãos a fortuna que pelas minhas *especulações ganhei suavemente*; é bem provavel que João Antonio, não tendo conseguido a realisação dos seus *desejos*, arengue na entrega da metade de seus bens; mas tudo vencerei procurando geitos e valendo-me da astucia, arte sublime, que espalhada por todo oniverso, faz prodigios espantosos...

E assim Leopoldo aguardára ancioso a chegada do dia seguinte, para fazer effectiva a escriptura de doação que lhe passára o hallucinado commendador.

Imbuído sempre em taes pensamentos, o aventureiro vira com prazer romper o dia.

Meia hora depois elle sahira para a fazenda de João Antonio.

Chegando ahi, apeára-se no terreiro, prendendo o seu animal, encaminhára-se para a casa.

Battendo palmas á porta, um crioulo appareceu-lhe, perguntando o que queria.

— Quero fallar a teu senhor, disse Leopoldo.

— Sinhô não está em casa, respondeu o moleque; foi para a cidade.

— Então desencaminhei-me de João Antonio, observára comsigo o aventureiro; não importa, já agora estou aqui, hei-de esperal-o uma, duas, tres horas...

E sem a menor cerimódia foi entrando para a sala.

Debruçando-se sobre uma janella, levou os olhos á agradável perspectiva que se lhe desenhava rica e opulenta á alguma distancia da fazenda, e n'essa contemplação estava, tendo a idéa sempre presa em astuciosas machinações, quando ouviu alguém fallar perto de si. Virára-se apressado.

Era Catharina que lhe apparecera, pois que o crioulo a chamára.

Leopoldo a cumprimentára, dizendo-lhe :

— Perdõe-me, minha senhora, a liberdade que tomei entrando para esta sala sem ser para isso convidado; mas como preciso muito fallar ao commendador, vejo-me na necessidade de aqui passar estas duas horas.

— Mecê pode estar a seu gosto... sente-se; está aqui um tamborete.

— Obrigado, minha senhora, obrigado, volveu o aventureiro em tom agradecido e sentando-se.

— Mecê vem da cidade?

— Sim, minha senhora.

— Oei! pois então não encontrou lá o meu homem? disse a *casaira* de João Antonio como surpresa.

— Elle veio para cá hontem, minha senhora.

— Mecê está enganado; o meu homem ha dois dias que sahio d'aqui, e já me dá cuidados.

Um pensamento passára de repente pela mente do ex-professor : era que o capitão provavelmente, hallucinado como se achava, teria seguido o salvador de Carolina; e o manto da noite por certo o desorientára, não sabendo para onde seguisse a formosa viuva que fazia a sua tortura.

Depois acerescentára alto :

— Em todo caso, eu esperarei o commendador duas horas; se elle não vier, retirarei-me.

— Mecê pode estar aqui quantas horas quizer, respondeu Catharina obsequiosamente.

— Obrigado, retorquiu Leopoldo com falso e prazenteiro sorriso.

— Mecê não quer tomar uma chicara de café com leite?

— Pois não, minha senhora? eu a aceito.

A caseira do capitão no mesmo momento entrára para dentro.

O aventureiro, ficando só, dissera com seus botões sarcasticamente.

— Esta mulher é digna d'esse commendador tão polido! tem uma bella educação! mas ella pode fazer-me um serviço importante... plantarei verde para colher maduro... me dará certas informações que muito convém para os meus negocios... saberei illudil-a com palavrinhas doces.

E novamente debruçou-se na janella, desejando que João Antonio não viesse senão depois que Catharina satisfizesse ás perguntas que lhe ia dirigir.

O tempo parecia correr velozmente para o aventureiro, receiando a cada instante ouvir a voz arrogante do commendador fallar-lhe zangado sobre o facto mysterioso que se déra, e por consequencia impacientára-se com a demora d'essa mulher; porém o esperado instante chegára.

Catharina trouxera o café, entregando-o logo a Leopoldo.

Este, bebendo o primeiro gole, disse:

— Está excellente o café, minha boa senhora! ha bem tempo não tenho tomado um igual! infallivelmente foi feito por mãos delicadas.

A caseira não pode ser indifferente a esses elogios,

e por isso, olhando como agradecida para o aventureiro, disse:

— Isso é bondade de mecê... este café ainda não sahio gostoso.

— Oh! minha senhora! não falle isso! até os proprios anjos podem beber-o.

Catharina ficou toda satisfeita, e por tanto Leopoldo, aproveitando-se do favoravel ensejo, accrescentou, sorrindo com certo ar de capadocio e entregando a chicara á caseira:

— A senhora passa uma vida deliciosa na companhia do commendador que....

— Chê... que esperanza! mecê vê cara, mas não vê coração... respondeu a mulher suspirando.

— O que é que diz, senhora?

— O meu homem tem sido muito ingrato para mim.

— Quem? o commendador?

— Elle mesmo.

— Pois não trata bem da senhora?

— Chê... nem é bom fallar... se mecê soubesse o que elle me faz...

— Conte-me isso, minha senhora, conte-me isso; eu farei com que o meu Amigo João Antonio d'aqui por diante lhe trate bem.

— Não lhe conto; disse Catharina resolutamente; o meu homem quando fica azeitado não é para zombar-se, e assim....

— Porém, senhora, elle me obedecerá.

— Já disse a mecê que não conto.

— Oh! não precisa dizer-me nada, senhora; já adivinhei tudo.

— Eh! eh! pois o que mecê adivinhou?

— Cá uma certa cousinha...

E o aventureiro sorriu maliciosamente.

— Mecê está dizendo isso para eu descobrir o que sinto em meus peitos, volveu a *caseira* duvidando do ex-professor.

— Uma vez que a senhora não me acredita, digo-lhe que o commendador anda muito apaixonado de amores...

— E' de véras isso que mecê diz? inquirio Catharina, deixando cahir a chicará que tinha na mão, como acommettida d'um ataque nervoso.

— Eu sei de muita cousa, senhora: o capitão anda com a cabeça perdida... será até capaz de esbanjar a sua fortuna toda, porque... porque... a senhora já me entende, e não preciso explicar-lhe...

— Gente! mecê então vio o meu homem em casa d'al-guma *furrumpesca*? (*) interrogou a *caseira* cheia de despeito.

— Eu lhe contarei tudo, senhora, tudo; porém quero primeiro saber uma cousa...

— Não é atôa que aquelle *canhão* ha muito tempo me queimou o sangue, volveu a mulher raivosa e como' que fallando para si mesma; deixe estar que um dia a casa ha de cahir.

— Olhe, senhora, o commendador é muito rico, não?

— Para que mecê quer saber isso?

— Para prevenir o mal que elle pode fazer á senhora, desperdçando essa riqueza; eu lhe prestarei muito beneficio.

— Mecê será capaz de guardar segredo?

— Tanto como o padre que o ouve em confissão.

— Mecê jura?

— Por quantos santos ha no céo.

(*) *Furrumpesca*, na linguagem dos caipiras, significa — meretriz,

— E conta-me depois o nome da *furrumpesca* com quem o *canhão* de meu homem anda perdido?

— Sim, senhora, tudo lhe direi.

— Pois eu vou já n'este instante mostrar-lhe a *mon-toeira* de notas que o *ingrato* tem lá dentro no seu quarto. Mecê escute: elle tem a cabeça tão virada, que até esqueceu-se da chave d'esse quarto, que nunca a deixou; mecê sabe que as mulheres são muito curiosas... assim que topei com essa chave, corri á porta e abria-a. A commoda onde está a *notaria* tinha a chavinha na fechadura de um gavetão, que puchei logo: fiquei pasmada vendo tanto dinheiro! As notas estão todas em massa...

— Vamos, senhora, vamos já ver essa riqueza, disse o aventureiro com a maior impaciencia.

— Mecê me acompanhe.

Atravessáram a sala e fôram para o interior, chegando depois ao quarto onde existia o *thesouro* de João Antonio.

Catharina abri-a porta e introduzira a Leopoldo, tendo o cuidado de fechal-a por dentro pára estarem mais seguros.

O gavetão da commoda fôra logo aberto, e no mesmo momento patenteou-se aos olhos avidos do aventureiro grande porção de notas em diversos massos.

Ficou abysmado contemplando esse thesouro.

— Ha aqui para mais de cem contos de reis, balbuciou elle pegando n'um d'esses massos, cujas notas eram de cincoenta mil reis, roxas.

Cumpre-nos dizer que o quarto estava quasi nos fundos da casa, tendo uma janellinha que abria para o quintal, a qual foi logo aberta pela *caseira*.

Leopoldo, tendo tirado uma nota do masso, a examinára, porém ficára surprehendido conhecendo que esse bilhete era falso!

Nada dissera a Catharina e passára os olhos por mais alguns outros.

Eram todos falsos.

— Mecê está gostando de ver tanto dinheiro, não? murmurou a *caseira* em attitude de sahir de tão perigoso lugar, pois que receiava que o capitão chegasse de repente e a tomasse em flagrante delicto.

— Ah! senhora! é muito bello ver-se um *thesouro!* exclamou o aventureiro continuando o seu exame.

Haviam bilhetes de vinte, cincoenta e cem mil reis.

O ex-professor certificára-se de que o commendador João Antonio era passador de notas falsas, e calára-se sem descobrir isso a Catharina, que respirára livremente assim que se vira fóra do quarto, tendo arranjado tudo cuidadosamente, para que o seu *ingrats companheiro* de nada desconfiasse.

— Mecê veja lá o segredo, observou a *caseira* gravemente, e me conte já o nome da *furrumpesca* que....

— Eu lhe digo: o commendador está todo pelo beijo com uma velha que se chama...

— Velha?! mecê não falle! exclamou a *caseira* tomada de ciume.

— Ah! já me lembro... ella tem o appellido de *Cegonha*, disse Leopoldo rindo-se como se fosse um actor de farça.

— Santo Antonio de nha mãe!... articulou a mulher desesperada e pondo as mãos como se fizesse uma supplica ao milagroso santo.

— O que é isso então, senhora?

— Estou com canella do *ingrato!* porém eu te juro, *canhão*, que heide vingar-me de ti e d'essa Cegonha!

E Catharida, toda apaixonada e raivosa, sahira da sala, indo para dentro, como se lembrando de repente d'alguma coisa.

O aventureiro, ficando só, deliberou retirar-se para a cidade, o que fizera sem se despedir da *caseira*.

O pensamento que prendia a attenção de Leopoldo era o thesouro falso do commendador.



CAPITULO TERCEIRO.

o commendador, hallucinado, horrifica-se das santas palavras do sacerdote.

Vejamos agora o que é feito de João Antonio.

Elle, fugindo dos terriveis fantasmas que á sua desgrada imaginação appareciam, se perdera á rua, não sabendo para onde dirigisse seus titubantes passos.

O acaso o levára á porta do virtuoso vigario A. M.

Ahi o hallucinado commendador entrára subitamente, indo parar á sala do santo sacerdote, que n'essa occasião rezava devotamente o seu *breviarium*.

Seriam oito horas mais ou menos.

O ministro de Deos ficára admirado vendo aquelle homem, que se lhe afigurára n'esse momento ser um louco que invadia a sua casa; porém, fechando o sagrado livro e fitando a physionomia assombrosa do capitão, o conhecera logo, dizendo com surpresa :

— Oh! Sr. comendador?! V. S. n'este estado?!

— Quem é o senhor?! balbuciou João Antonio espantado e como querendo expellir o vigario.

— Pois V. S. não me conhece?

— Não! não! respondeu o desorientado capitão virando o rosto para não enxergar o padre.

— Não conhece o vigario A. M.?

Ouvindo esse nome, bondosamente pronunciado, João Antonio parecera um instante recobrar seu uso de razão, por isso que dissera, como se despertasse de afflictivo sonho:

— Ah! eu o conheço agora... é o senhor vigario... porém eu estava lá em casa de Leopoldo de Campos... e não sei por que modo aqui cheguei...

— V. S. entrou todo assombrado... alguma cousa, por certo, o intimidou, reflexionára o sacerdote querendo saber o motivo d'esse panico do commendador e fazendo sental-o n'uma cadeira.

— Oh! Sr. vigario! articulára esse homem como se ainda visse em seu pensamento as horriveis figuras que o perseguiam; foi uma visão muito feia que me appareceu... não tive coragem para encaral-a... as pernas me principiaram a tremêr e cahi sem sentidos... estava lá n'um quarto e só...

— Ah! Sr. commendador! pondera o ministro da religião com serenidade evangelica; esse espectro que lhe appareceu foi, talvez, formado por sua imaginação ou então algum inimigo, que, acobertand-se com o manto da noite, assentára de o amedrontar. Fique V. S. certo de que os mortos dormem em paz o somno eterno nas suas geladas campas, de onde só sahirão para serem julgados no dia tremendo do juizo final pelo Supremo Creador do mundo.

— Mas, Sr. vigario, volveu o capitão ainda tremulo, o fantasma não era cá da terra; sua voz era medonha...

— Pois se com effeito, Sr. commendador, acha-se convicto que é alguma visão d'outro mundo que o assombrou, motivos terá V. S. para assim o pensar; o christão que tem a consciencia pura, não teme o demonio, que, astucioso, sempre procura flagellar a ovelha que se desvaira do rebanho do Senhor. Caminhe o homem pela senda da virtude,

praticando o bem que puder, que, tranquillo e em doce paz, sentirá no intimo d'alma ineffavel prazer, indo depois exhalar-se no seio de Deos o perfume purissimo d'essa virtude, que fará a eterna delicia do justo.

A doçura e unção com que fôram ditas estas palavras pelo santo sacerdote, abaláram o coração de pedra de João Antonio; todavia, não tivera animo para fazer ao ministro de Deos uma confissão franca e verdadeira, que o livrasse de seus grandes peccados.

O commendador julgava n'esse momento que o vigario estava lendo em sua espantada physionomia os crimes que lhe pesavam na consciencia; e, pois, não se atrevendo a fixal-o, curvando a cabeça, como se estivesse diante de um juiz severo e inexoravel, ficou immovel e nada disse: elle sentia no peito uma revolução estranha que o acabrunhava.

— Senhor vigario, balbuciou João Antonio com voz agitada e sabindo d'essa immobilidade, como se obedecesse a uma desconhecida e poderosa vontade, eu não posso mais ouvir-o; suas palavras me cahem n'alma como labarêdas de fogo que a queimão!

— Peça ao Altissimo, senhor, que perdôe os seus peccados, proseguio o ministro de Deos com tranquillidade; já que as minhas humildes palavras o torturão por essa maneira... só Deos terá poder para o castigar ou perdoar. Elle vê tudo, perscruta todos os segredos do coração humano, e ai d'aquelle que na terra tiver uma vida educada no crime! ai d'aquelle que derramar o sangue de seu proximo! e ai d'aquelle que roubar o suor alheio para viver em falsas grandezas! No entanto, se vier um verdadeiro arrependimento....

O commendador estava como que tomado d'uma febre nervosa, porque seus membros tiritavam de um modo sin-

gular; não podia, se quer, articular uma supplica ou uma blasphemia.

Dir-se-hia que elle n'essa situação em que se via lutava com o terror, que o accommettia, trazendo-lhe á mente novos espectros de horriveis fórmas. A evangelica exhortação do sacerdote, em vez de chamal-o á razão e de animal-o, em vez de fazel-o crer na bondade infinita do Deos Supremo, em vez mesmo de o socegar um instante, derramando n'essa alma, torturada pelo espirito de Satanaz, o balsamo salutar da fé e da esperança, — cousa singular! o commendador patenteava em seu semblante convulso os embates de seu coração, não tendo força para vencer-se a si proprio e prostrar-se aos pés do ministro sagrado, pedindo-lhe sincero perdão de suas culpas.

E depois, como dominado por esse espirito satânico que o hallucinava, murmurou terrivelmente, ameaçando o virtuoso padre:

— Não quero mais ouvir o seu sermão; guarde-o lá para os seus pobres; o Deos que tenho n'este mundo é... é... o MEU DINHEIRO!....

E déra logo uma estridente gargalhada, sahindo no mesmo momento da sala arrebatadamente.

O vigario, vendo semelhante loucura, disse em tom lastimoso:

— Pobre alma! o espirito do anjo das trevas a domina! para chamal-o ao caminho da salvação, muito me ha-de custar; porém será um serviço que prestarei a Deos.

E sahindo também da sala, fôra chamando por João Antonio, que não lhe respondia.

Chegando á porta da rua, não o vira, e comprehendera logo que o commendador se retirára com o pensamento povoado de horriveis idéas.

A noite era muito escura, e por conseguinte o capitão se perdera pelo manto d'ella.

E o santo sacerdote, voltando para a sala, ainda observára comsigo :

— Pobre homem! eu lastimo a tua sorte! Os crimes que ennegrecem a tua alma só poderão deixal-a se a luz do verdadeiro arrependimento vier mostrar-te o pharolluminoso da religião para assim guiar-te na senda escabrosa da existencia...

Com effeito, o ministro de Deos conhecia bem o commendador; sabia da sua vida mysteriosa, assim como estava ao facto da demanda que elle agitára contra o pobre Simão, demanda que desgraçara a este, pondo sua familia em braços da miseria.

— Esse homem, disse comsigo o parochó, foi provavelmente presa d'algum sonho horroroso, que o desorientára; é o espirito maligno que o tortura por aquella maneira...

João Antonio não tivera coragem de patentear ao reverendo A. M. a verdade do que se passára em seu luxurioso e criminoso amor pela linda Carolina, amor que fôra suplantado pelo mysterioso personagem, que elle o tomára por alguma apparição do outro mundo, indo-lhe impedir o commettimento de mais um crime.

Sim, o commendador é criminoso, porque tem em seu poder grande somma de contos em notas falsas; porque comprava escravos roubados de individuos de baixa ralé; porque usurpára do honrado Simão o seu sitio, e porque ainda aquelle fantasma que o assombrára, seria, talvez, alguma victima sua, que o dedo de Deos a livrára para mais tarde fazel-o expiar esses crimes.

O vigario, tendo fechado a porta de sua sala, pegára o seu *breviarium*, accrescentando tristemente comsigo:

— Desgraçado João Antonio! Deos Clemente se amercie de ti!

E recommçou o seu officio divino interrompido.

O commendador, depois de muito custo e trabalho, sempre com o espirito atemorizado, chegára á porta de Apollinario Lopes, na qual batera apressado.

Momentos depois era introduzido na sala do subdelegado, que o receberá cheio de admiração.

— V. S. por aqui!... a estas horas!... temos por certo novidade...

O capitão estava tão cansado que não pudera logo responder a Apollinario; e, sentando-se n'uma cadeira, apoiando ambas as mãos no espaldar, curvou a cabeça sobre o peito e assim permaneceu silencioso por alguns instantes.

— V. S. sente algum incommodo, Sr. commendador? interrogou o subdelegado encarando a João Antonio.

Este nada dissera e continuava na mesma attitude, não fazendo um movimento.

Apollinario ficára tambem silencioso, esperando que o commendador lhe contasse o que sentia.

Estava ancioso para satisfazer a sua curiosidade, não podendo comprehender o que significava esse incommodo do capitão.

No cabo d'alguns momentos este murmurára como quem acordava de tormentoso sonho:

— Oh! onde estou?... d'onde vim?... parece-me que...

— Está em minha casa, Sr. commendador; não me conhece então?

— Ah! eu o conheço... é o Sr. Apollinario...

— V. S. sente algum incommodo?

— Nenhum... oh!... agora me lembro... estive em casa de Leopoldo... e... tambem em casa do vigario....

— Mas V. S. parece soffrer alguma cousa...

— Nada tenho, Sr. Apollinario, nada... é verdade que tive um sonho terrivel que me assombrou, e por isso corri para a rua como se estivesse louco; o acaso me levou á casa do vigario e de lá vim para aqui... mas o sonho não me sahe do pensamento.

— Não poderei saber-o, Sr. commendador?

— Amanhã lh'o contarei, Sr. Apollinario; agora me vejo fatigado e peço-lhe uma cama para deitar-me, pois já é muito tarde.

Eram com effeito onze horas mais ou menos,

O subdelegado não insistira, e, abrindo logo a porta de um quarto, mostrára o leito a João Antonio, onde este se deitára sem despir o seu fato.

Apollinario ahí o deixára, e despedindo-se fôra para dentro.

O commendador, sem duvida, passaria mal a noite, sonhando com esses espectros que o torturavam.

Com effeito, elle tivera uma noite cruel, por isso que se levantára assim que o dia tinha apparecido.

O subdelegado viera, alguns minutos depois, dar-lhe os bons dias.

João Antonio mostrava no semblante os traços do mal que o flagellava.

Então dissera a Apollinario que a visão horrivel o não deixára, contando-lhe n'essa occasião a mysteriosa scena que se déra, mas occultára os seus insensatos amores pela viuva do Guimarães.

O commendador relatára isso, não como na realidade se tinha passado, porém sim como um sonho que o surpre-

hendera em casa do aventureiro durante a hora em que re-
pousava recostado n'um sofá.

O subdelegado, pois, ignorava que João Antonio estava apaixonado de Carolina. Elle não sabia o que pensasse de semelhante sonho que lhe parecia bem mysterioso.

Conjecturára logo consigo que tal apparição seria alguma victima d'esse homem que vinha intimidá-lo, pois que a sua consciencia não era pura de crimes.

Apollinario, cheio de hypocrisia, fizera ver ao seu *amigo* que não devia pensar n'essa extravagancia, produzida, talvez, pelo enfraquecimento do cerebro, e que isso nada significava senão figuras da imaginação.

O capitão guardára tambem o segredo da loucura que tinha feito dando a Leopoldo a metade de seus bens por escriptura publica, facto que se divulgaria assim que o aventureiro tratasse de haver a si esses bens.

Na manhã do mesmo dia elle se retirára para a sua fazenda, não se encontrando com o ex-professor, que havia descoberto o seu thesouro falso.

Este não enxergava o céu de seu futuro carregado de sinistras nuvens.

Era a tempestade que se formava e que em breve des-
abaria sobre a cabeça de João Antonio !



CAPITULO QUARTO.

O doutor Luiz[^] Alvares, Ernesto e o enfermo. — Terna gratidão.

Fizemos uma pequena digressão na nossa historia nos dois capitulos de que vimos de expender; mas isso foi preciso para bem orientar-mos nossos leitores.

Conforme o Dr. Luiz Alvares havia promettido a seu primo Ernesto Camillo, foi em companhia d'este á ~~Ma-~~crina das —Gabiobas— ver o estado da molestia do pobre Simão, que não esperava por tal visita.

Com effeito, elles ahi chegaram cedo.

A familia do honrado velho ficou surprehendida vendo esse medico com quem não tinha relações.

Ernesto e o doutor fôram logo introduzidos no quarto de Simão.

Entre o joven e Flôr-de-Abril houve doce e amorosa sensação, illuminando-se logo o semblante d'esta com o sorriso celeste d'um serafim.

O ancião apertou cordialmente a dextra do mancebo e saudou admirado ao facultativo, que bondoso disse:

— Como vai de seus incommodos, Sr. Simão?

— Graças a Deos, Sr. doutor, vou experimentando alguma melhora.

— Tenha esperança que ha-de restabelecer-se, meu amigo,olveu Ernesto gravemente e como que tendo convicção d'isso.

— Talvez, balbuciou o velho resignado.

— Pois não tem fé em Deos, Sr. Simão? inquirio o medico com significativo interesse.

— Oh! Sr. doutor! muita... respondeu o enfermo em tom commovido.

— Meu amigo, observou o joven com bondade, tomando a mão descarnada do velho, prometeu-me a sua amizade, e por consequente espero que....

— Acaso então....? interrompeu este surpreso sem completar a phrase.

— Sim... bem conheço que é meu amigo; e, fiado nessa amizade lhe peço... um grande obsequio...

A familia de Simão presenciava em silencio os monologos que se davam, e não podia adivinhar qual o motivo da visita do Dr. Luiz Alvares.

Maria não tirava os olhos do joven dos seus sonhos; contemplava-o com innocente amor.

— Um obsequio... murmurou o ancião sorrindo tristemente, um obsequio... a mim?... O que; pois, lhe poderei fazer, Sr. Ernesto?

— Um beneficio para nós ambos...

— Como, senhor?

— Eu lhe explico, meu amigo. Disse ainda ha pouco que tem viva fé em Deos, de quem espera o remedio para o seu mal; pois bem, com essa esperanza a medicina o pode curar; ella fará um milagre... o esse milagre será realisado pela vontade do mesmo Deos.

— A medicina... a medicina... balbuciou Simão descrendo da arte divina de Hyppocrates e sacudindo a cabeça; Deos pode fazer a cura, mas a sciencia...

O medico sorriu para o seu primo sem dizer-lhe uma só palavra, pois não queria contrariar o velho na sua

erronca crença, e d'esta maneira esperava que Ernesto o convencesse de que a sciencia o podia curar.

O joven o comprehendeu, e virando-se para o ancião disse :

— Meu amigo, a medicina foi dada por Deos aos homens para allivio da humanidade em seus soffrimentos; ella pode muito, e por conseguinte eu lhe peço que....

— Me sugeite á sciencia, não, Sr. Ernesto? murmurou o velho em tom bondoso e sorrindo com indifferença.

— Sim, meu amigo, é um favor que me faz, porque desejo vel-o restabelecido para o seu proprio bem e o de sua familia.

— Mas, Sr. Ernesto...

— Attenda, meu amigo; está aqui o Sr. Dr. Luiz Alvares, que é excellento medico e que se presta com a melhor vontade para tratá-lo, e assim...

— Então é um favor que lhe faço annuindo a isso?olveu Simão fitando serenamente o mancebo.

— Favor de que lhe serei eternamente grato, meu bom amigo. Que satisfação não terei quando vel-o livre d'esse incommodo que o molesta!

Ernesto, ao pronunciar estas palavras, sentio-se commovido, não deixando tambem de commover o medico, que accrescentou logo :

— Senhor, com o maior interesse incumbo-me de curá-lo; e tanto mais prazer tenho quando julgo que lhe vou prestar um pequeno beneficio de que ha-de aproveitar a sua enfermidade.

— Está servido no que me pede, Sr. Ernesto, está servido, disse bondosamente o pobre velho; porém como hei-de pôr-me em cura? poderei aqui ter um tratamento regular? aqui que mal apenas....

— Não pense que ha-de ser tratado aqui, Sr. Simão;

porém sim na cidade. Arranjar-lhe-hei uma casa junto à minha.

— Sim, meu amigo, lá será cuidadosamente medicado.

— Mas o aluguel da casa pode ser caro, respondeu o ancião olhando para o medico e para o joven.

— A casa nada lhe custará, senhor, ajuntou o facultativo cheio de generosidade; eu com facilidade a obterei do proprietario, que não lhe levará dinheiro algum; isso lhe affirino, porque dou-me muito com esse homem; e por meu pedido....

A boa Luiza, testemunha silenciosa do que se passava, não pode ser indifferente a tanta prova de philantropia da parte do doutor Luiz Alvares, e por tanto, tomada de emoção, balbuciou :

— Ah! meu bom senhor! como havemos de pagar tanto serviço?... como?... somos tão pobres...

— Não exijo outra paga senão a amizade do Sr. Simão e de sua estimavel familia, disse o medico sorrindo e como que tendo a alma inundada de alegria; e se conseguir o meu desejo dar-me-hei por feliz.

— Oh! Sr. doutor! suspirou o honrado velho, pondo as mãos e deixando ver no rosto o reconhecimento da alma; homens assim n'este seculo de egoismo e ambições... são raros! A recompensa d'uma acção tão caridosa, só a terá no paraiso de Deos!

Eugenia, por seu turno, murmurou agradecida :

— Senhor, a gratidão tolhe a expressão, mas torna eloquente o silencio, e....

A moça não acabou a phrase; abaixou a cabeça e limpou duas lagrimas que orvalharam suas faces.

Flôr-de-Abril, vendo esse terno sentimento, nascido espontaneamente do coração, disse á sua mãe com a maior simplicidade e sorrindo com doçura :

— Ora, mamã! para que choras quando eu estou tão satisfeita por ver que vovó vai-se curar lá na cidade com este senhor tão bom?

Eugenia nada respondeu, porém melancólico sorriso esvoaçou-lhe nos lábios; e depois, virando-se para Ernesto, pronunciou baixinho:

— Eu lhe agradeço também o obsequio que nos faz.

— Senhora, nada tem a agradecer-me, retorquiu o mancebo com a alma transbordada de júbilo, absolutamente nada... antes pelo contrario sou eu quem fico na obrigação.

— Oh! senhor!... fez Eugenia com indizível bondade e como não querendo aceitar a expressão sincera do generoso moço.

— Senhor Simão, redarguiu o doutor sentindo n'alma a mais doce sensação, é-me suave quando exerço o meu ministerio em prol do pobre e do desvalido; e quando ao transpôr os umbraes da miseria ouço ali um gemido de dôr, uma queixa involuntaria contra um máo destino, oh! procuro logo alliviar esse soffrimento, já prestando-me como medico, e já depondo em mão descarnada e tremula o obolo da caridade.

— Faz assim duplicado serviço á humanidade, senhor doutor, respondeu o velho admirando a alma nobre e compassiva do facultativo; o premio d'essa virtude achará ainda no seio de Deos!

O doutor Luiz Alvares não fazia idéa de ouvir esses bellos pensamentos d'um homem como Simão, que o julgava menos intelligente e menos grato; e por conseguinte, apreciando sobremaneira tão excellente qualidade, accrescentou positivamente, em tom amigo:

— Meu bom senhor, uma vez que está deliberado a sugerir-se ao meu tratamento, n'esse caso cumpre que

isso seja o mais depressa possível, visto como qualquer demora lhe é prejudicial; soffre a molestia ha muito tempo e por tanto espero que n'estes oito dias...

— Ou antes mesmo interrompeu Ernesto olhando para o ancião e como esperando sua resposta.

— Já tão depressa, senhor doutor?

— Por minha vontade iria amanhã, porque....

— Oh! Sr. Ernesto, isso não pode ser; bem sabe que tenho de fazer uma mudança.

— Pois ao menos n'estes cinco dias, acudio o facultativo e como dando a entender a seu primo que eram horas de se retirarem.

Este o comprehendeu logo.

— Mas, senhor doutor, quem tratará de minha mudança? bem sabe V. S. que eu....

— Ora, Sr. Simão! volteu o medico tomando a sua pitada de rapé, não se afflija com isso; eu me incumbirei de tudo; porém quero saber ao certo o dia que ha-de mudar-se para eu dar as providencias.

O velho reflectio um instante; depois disse :

— Hoje é terça feira... pois bem, annúo ao que V. S. de mim exige, senhor doutor; sabbado estaremos promptos para a mudança.

— Quanto me alegra isso, meu amigo! murmurou o amante de Maria cheio de contentamento.

— Muito estimo a sua deliberação, senhor, accrescentou Alvares levantando-se do seu tamborete.

— Ah! Sr. doutor! exclamou a boa Luisa, que até ahi havia escutado em silencio o que se passára; quanto beneficio nos faz! não tenho palavras para justificar-lhe o meu agradecimento que sabe do intimo d'alma.

— Senhora, nada tem a agradecer-me, nada; dar-me-hei por satisfeito e ficarei mesmo bem recompensado tendo a amizade do Sr. Simão; é o que desejo.

— Oh! Sr. doutor! a minha amizade! a minha amizade! balbuciou o velho com a ternura d'alma derramada pelo semblante e apertando vivamente a mão do facultativo; tanta bondade me confunde!

— Eu lhe hei-de estimar muito, senhor... muito... curar a vovó de sua molestia! coitado! elle que tanto soffre! suspirou a menina ingenuamente.

O echo suave d'essa voz de anjo vibrou na corda sensível do coração de Alvares, que, tomando subito as mãozinhas de Flôr-de-Abril, apertou-as docemente e disse com emoção:

— Minha querida menina! eu serei o seu devotado criado, e tudo que lhe puder prestar, o farei com o maior prazer. Espero desde ja que ha-de ser muito amiga de minhas filhas, porque vai morar junto d'ellas...

— Que felicidade, senhor! que felicidade! voltou a donzella fitando o medico; quem déra fosse isso já amanhã!

Este acolheu o infantil desejo de Maria com as caricias de um pai terno e extremoso.

Contar ao leitor as sensações por que passa Ernesto contemplando a gentil menina, parece-nos desnecessario; assim só diremos que a sensibilidade presidia a esta scena, não deixando tambem Eugenia de ter parte n'essas effusões e transportes da gratidão e da amizade.

Uma hora depois Alvares e Ernesto chegavam á cidade.

Logo que entráram em casa, o medico disse á sua esposa :

— Carlota, venho muito satisfeito ; o nosso primo Ernesto tanto fez que conseguiu resolver o velho Simão a entrar em curativo ; é bem provavel que possa restabelece-lo dentro de dois a tres mezes.

— Quanto me alegra isso, Luiz ! Então elle vem para a cidade ?

— E ha-de morar aqui na casa do Baptista.

— E tens certeza de arranjal-o ?

— Tenho, Carlota.

— Deos permita que tu consigas o que queres.

— Heide conseguir, minha querida amiga ; tenho fé em Deos. Agora escuta outra novidade.

— O que, Luiz ?

— Ernesto está apaixonado da menina Maria ; e parece-me que se não tiver o consentimento de seu pai, será capaz de enlouquecer... mas eu espero que tudo se ha-de arranjar da melhor fórma possivel ; Flôr-de-Abril é um anjo de candura ; tu, Carlota, terás occasião de apreciar-a.

— E' devéras isso, Luiz ? o nosso primo está assim entregue ao amor ?

— Ora, minha amiga, retorquio o doutor sorrindo bondoso, se eu te fallei a verdade !

— Isto me parece um romance, Luiz, observou a consorte batendo de vagariinho no hombro do marido ; não achas ?

— Sim, Carlota, mas será um romance cheio de interesse e de moralidade.

— Vamos fallar com o nosso primo, Luiz.

— Vamos, minha amiga.

Estes monologos se passavam no aposento do medico, onde elle entrára para mudar de fato.

D'ahi a pouco os dois esposos se achavam na sala, onde Ernesto fumava um bom charuto, recostado em lustroso sofá.

— Dou-lhe os parabens, primo, por ter conseguido o seu intento, volveu Dona Carlota sorrindo com significação.

— E' verdade, prima, respondeu Ernesto adivinhando o sentido d'essas palavras e corando ligeiramente; o pobre Simão vai ser curado pelo doutor, e...

— Flôr-de-Abril tambem vem? interrompeu familiarmente a sympathica senhora e fitando o joven.

— Vem, prima... o que bem estimo... porque... porque...

Ernesto corou e não concluiu a phrase.

— Eu o entendo, primo.

— E eu, disse Luiz Alvares, vou fazer uma carta ao Baptista, pedindo-lhe a casa.

E o medico foi para o seo gabinete.

O mancebo ficára conuersando com D. Carlota.

Emilia viera tambem fazer parte n'essa conversação; e depois chegando-se ao seu piano, abriu-o e principiou a preludial-o como se estivesse brincando; porém d'ahi a pouco executava a doce aria da =*Casta Diva*.

Ernesto arrebatou-se para o mundo da sensibilidade.

A esposa de Luiz Alvares foi para junto de sua filha, como se o canto d'ellaahi a prendesse.

No mesmo momento appareceu na sala a irmã de Emilia.

— Vem aqui, Chiquinha, e escuta a musica, disse sua mãe designando uma cadeira á menina.

O medico, tendo feito a carta para o seu amigo, voltou junto do mancebo.

Era meio dia.

A mucama de D. Carlota viera dizer á sua senhora que o café se achava sobre a mesa.

A voz sonora de Emilia havia cessado.

E logo todos fôram para dentro.



CAPITULO QUINTO.

O desconhecido finge-se embriagado e tudo descobre.

Dez dias se ha decorrido.

Estamos em principio de Outubro.

E' uma noite chuvosa e muito escura.

E' tarde.

A tasca do pai Indá acha-se aberta e os freguezes do costume a frequentão.

Vamos encontrar ahi o terrivel Capador, Feiticeiro e Peito-Cabelludo, que bebem o seu *pingoric* á custa do cigano, que os obsequieia.

A Cegoalha se apresenta tambem na taberna, junto de Matheus.

— Oh! lá, Capador! como andas com a *bixa*? interrogou o pai Indá levantando os olhinhos de reptil ao rosto sinistro do bandido.

— Não descubras a coisada, parceiro! palavra! que se eu coxilar um pouco, estou no apá.

— Toma lá, Feiticeiro, chupa mais este *codorio da branca* (*), e depois conversa comigo, resmungou Peito-Cabelludo entregando o copo ao ladrão.

— E eu bebo n'um só trago, disse este virando a bebida na bocca.

(*) Aguardente

— Enche mais outro copo, pai Indá, para divertir estes parceiros,olveu o Capader em tom soberano.

A cachaça foi servida.

— Vocês hoje estão com uma sêde dos dianhos, murmurou o proprietario da tasca encostando-se ao balcão.

E virando-se para a Cegonha, disse á meia voz:

— Mas vejo ali um freguez que me é desconhecido... aquella cara nunca a vi aqui.

— Eu tambem ainda o não vi, respondeu a *caseira* de Matheus olhando para o desconhecido que estava vestido de ponche, tendo na cabeça um chapéo preto de panno, que occultava parte d'ella.

— Seja lá quem fôr, accrescentou o cigano para a Cegonha; como elle procurou a minha venda, é mais um freguez que temos.

— Isso lá é assim, Matheusinho, ajuntou a megéra como satisfeita.

— Então, Feiticeiro, resmungou Peito-Cabelludo, como foste *limpar* aquelle... aquelle pobre diabo lá do — Matto-dentro — que tinha na barriga uma porçissão de *geringonçada*? conta-nos a historia.

O *medico das cousas feitas*, dando uma risada hedionda, respondeu:

— Pois eu sou um rapaz assim... *limpei o bixo* e o *cacáo* veio cá para o dégo.

— Que dianho de coisada tinha o parceiro nas tripas, Feiticeiro? inquirio o Capador pondo na bocca a sua favorita *masca*; conta-me.

— Anda depressa, Feiticeiro, retorquiu o pai Indá, quero ouvir a tua *geringonçada*.

— Escutem lá, companheiros...

Todos ficáram silenciosos.

O Feiticeiro, formalisando-se como se tratasse de importante negocio, prosegue assim:

— Chamáram-me outro dia ao — Matto-dentro — para ver um homem que tinha ahi feitiço como terra! Hi! hi! que chusma de coisa não havia nas tripas d'elle?

— Dianho! voltou o assassino do Guimarães cuspiendo o caldo de fumo aos pés do Feiticeiro.

— Diacho! você, Capador, botou o pichóá nos meus pés! espera, deixa-me esfregar o fumo, que está como grude.

Houve hilaridade entre os convivas da tasca.

Depois do que o *medico dos feitiços*, passando o pé na calça d'algodão azul, proseguio:

— Como ia contando, minha gente, o homem tinha sapo, pello de porco, cabeça de cobra, masca de fumo...

— Palavra! isso então é cá commigo, interrompeu o ex-capanga de João Antonio sorrindo.

— Carrapicho, espinho... aquelle ferrinho de gancho que as mulheres botão no cabelo...

— Esse ferrinho chama-se *garanpo*...

— E' isso mesmo, mãe Cegonha...

— E o que mais? resmungou Peito-Cabelludo.

— Olha, sahio tanta *mixurufada* que nem me posso lembrar.

— E por isso você deu com o parceiro no *juqueti* em ar de caiapiá, redarçugio o Capador revirando a masca na bocca; palavra! que és um marreco dos dianhos! imbutes bem a tua peta!

— Peta! oh! parceiro! você não sabe da *futrica*... pois é sem mentira que tirei tudo aquillo da barriga do *bixo*! olha... ainda aqui tenho o signal.

— Oh! oh! exclamou o Cabelludo sorrindo d'essa pilheria do bandido e como duvidando d'isso.

— Mostra-nos essa coisada, *mestre velho*, volveu o pai Indá dando uma risadinha.

— Mestre... é negro... respondeu o Feiticeiro também com outra risadinha; eu sou o *curador das coisas feitas*.

— Em ar de *te-nhem-nhem-no-masque* queres impingir o *carrapetão*, palavra! os dianhos te melenr!

— Está aqui, Capador! está aqui! não é *carrapeta*, *carrapetão* e nem *carrapetorio*, murmurou o *curador* tirando uma palhá dobrada do bolso da calça.

— E nem de *chucha melodorio*, accrescenta o cigano espichando o pescoço para ver o que continha a palha que o Feiticeiro desdobrava.

Todos se grupáram junto do bandido.

— Dianho! resmunga o ex-capanga, não vejo nada, palavra!

— Eu já vi, Gonçalo! são pernas de gafanhoto! disse a Cegonha alongando também o pescoço e cheia de admiração.

— E pernas de barata, que bem vejo, observou o Cabelludo dando uma risada de mofa.

— Com os dianhos!.. em ar de caiapiá o Feiticeiro nos botou a manta do canhóto! aquillo é chalaça, palavra!

— Esperem lá, companheiros, esperem lá, volve o *mestre curador* chegando-se ao balcão e pondo toda aquella impostura em cima da tábua; veção lá agora se é mentira.

— Pois devéras tiraste esta *mixurufada* da barriga do *bixo*, Feiticeiro? interrogou o cigano abrindo a bocca como se com effeito acreditasse na peta do bandido.

— Escuta, pai Indá. Dei umas raizes para o *bixo* beber,

e d'ahi a pouco elle principiou a bolar carga ao mar, e então sahio isto tudo, fóra o que lá deixei...

— Esta diverte o parceiro, palavra! não é biscoito o Feiticeiro!

— Ora, Capador! não me atrapalhes a coisada: eu arranquei esta feitiçaria das tripas do *bixo*... era o tihoso que andava por ali fazendo estrepolia, porque a barriga do *dito* dava roncões ahi que era um gosto ouvir-se aquella musica destemperada!

A pilheria do *curador de feitiços* foi acolhida por Cabelludo, que deu uma gargalhada e bateu as mãos dizendo:

— Viva o Feiticeiro, contador de brócas!

— Bróca? pois isto que está aqui é bróca?...

E o bandido espalhou pelo balcão uma pequena porção de diversos bixinhos e alguns pedacinhos de vidro.

A Cegonha, tendo reparado n'isso, se retirára do interior da casa, como quem se lembrava de alguma cousa.

— Não é cá comigo, Feiticeiro, esta não entra nem a páo, disse o Cabelludo duvidando de tudo que via.

— Cala essa boca e deixa-me contar a historia.

— O parceiro coxilou no capim em ar de caiapiá, não, Feiticeiro?

— Tres dias depois daquella *mixurufada*, Capador, o homem mandou-se mudar para o outro mundo.

— Quem? o *bixo*? murmurou o Cabelludo,

— Sim, companheiro, elle mudou-se sem achar uma espinha.

— Guarda essa *geringonçada*, Feiticeiro, redarguiu o ex-capanga.

O conviva que o pai Indá havia desconhecido, logo se chegára ao balcão, fallando alegremente ao cigano:

— **Oh** lá, amigo! venha mais da *brunca*, se não tiver do *tinto*... aqui temos dinheiro.

Todos olharam surprehendidos para o novo freguez que assim mandava tão ousado.

— Do *tinto* não tenho, respondeu o proprietario da taberna, porém ali estão duas garrafãs de *reino*.

— Pois venha de lá isso.

— Este é parceiro, volveu o Capador olhando para esse homem.

— E parece ser um *triste* (*) para o copo!

— Assim, companheiro, chupa o teu *pingorio* e depois nos passa o *reino*, acóde o *mestre curador* juntando as suas feitiçarias e pondo-as sobre a palha.

O pai Indá servio a bebida pedida pelo desconhecido.

Este em primeiro lugar offereceu-a a Gonçalo, e assim successivamente foi passando-a aos outros freguezes. Depois do que o cigano encheu novamente o mesmo copo, sem ser para isso mandado.

O homem bebeu um bom trago.

E tirando da algibeira algumas notas miúdas, disse, pondo-as no balcão :

— Pague-se, amigo.

O pai Indá ficou admirado da franqueza do novo freguez; e então, pegando um bilhete de mil reis, pagou-se da bebida e deu alguns cobses ao desconhecido, que os guardou com as notas.

— Este parceiro não é biscoito! palavra! oh lá, Cabelludo!... bebe mais um pancão á saúde do companheiro.

— Bebe tu, Capador; quem tem bocca não manda assoprar.

(*) Triste, na linguagem dos caipiras, significa — grande bebedor. —

— Pois lá vai, parceiro! á tua saúde! pala!

E o ex-capanga levou o copo á bocca.

O homem nada disse e parecia sentir o que quer que fosse, porque as forças lhe iam faltando, e como que procurava um banco para sentar-se.

— Dianho! resmungou o Capador reparando n'isso; o parceiro depressa ficou *monado!* está no apá!

— Diacho! accrescentou o Feiticeiro sorrindo; este companheiro não tem o *joelho encardido* (*)... não é dos meus...

— Oh lá! murmurou o Cabelludo tocando no hombro do desconhecido; então o que é isto? já com as gambias a tremer!

— O que... é...? o que... é...? balbuciou este com voz arrastada e sentando-se no chão, como fazem os ebrios.

— O freguez já está promptinho, observou o ciano dando uma risadinha de mofa; olha, Capador, este não é parceiro... não é corajudo.

— Em ar de caiapiá o dianho cahio no *cotucum*.

— Toma lá, disse o Cabelludo desenrolando uma esteira que estava n'um canto da tasca do lado de fóra; deita-te ahí que te arranjas melhor.

O homem nada respondeu, mas deitou-se logo.

Entre esses bandidos se déram ainda alguns monologos chulos respeito o novo freguez da taberna, que tão de prompto se embriagara.

Momentos depois, o desconhecido resonava como se dormisse pesado sonno.

— Ronca que nem um porco! resmungou o Cabelludo agachando-se e certificando-se que esse fraco *beberrão* com effeito dormia.

(*) Joelho encardido significa —forte e valente.—

— Diabo! elle está no apá! aquelles priscos...

— E' verdade, Capador... vamos repartir o cacáo.

— E o dégo fica de fóra, Cabelludo? inquire o Feiticeiro alongando a cabeça para o ebrio.

— E eu tambem não entro na sucia? acóde o proprietario da tasca scintillando os olhinhos de reptil.

— Vamos á coisada, retorquiu o ex-capanga chegando-se ao homem que fingia dormir; em ar dechalaça os priscos estão no *cotucúm*

Em rapidos instantes o desconhecido era roubado, e o seu dinheiro se repartia entre os convivas do pai Indá; porém a quantia era pequena e apenas sommava vinte mil reis.

— Cinco priscos a cada um, volveu o Capador repartindo o dinheiro, que era todo em notas de mil e dois mil reis; agora, parceiros, palavra! temos ainda mais côco.

— O que é? interrogáram o Feiticeiro e Peito-Cabelludo.

— O negocio é grosso... quatrocentos priscos para tão pouco trabalho, é um páo pelo olho, palavra!

— Pois falla, Capador.

— Olha, parceiro, a coisada está na unha... um certo patrão aqui da cidade anda todo levado da bréca por uma *pombinha*... e em ar de *te-nhem-nhem-nomasque* ella cahirá no apá.

— E quem é essa pombinha? interrogou o Feiticeiro impaciente.

— Parceiro, eu te conto, murmurou o bandido cuspiendo o caldo de fumo; é a neta d'aquelle Simão que vive de esmolos.

— Ah! fez o *curador* admirado; tão verdinha ainda! pobre do passarinho!

— E o tal patrão te paga o côco adiantado, Capador?

— Elle é fazenda fina, palavra, Cabelludo! tu bem o conheces... é o patrão Leopoldo.

— Tu queres então...?

— Furtar a pombinha, Cabelludo... e has-de lamber tambem alguns priscos e mais o Feiticeiro.

— Escoramos o parceiro!... responderam ambos os bandidos.

— E tu, pai Indá, bico calado! eu não sou biscoito, e nada me abixorna! resmungou o Capador em tom de ameaça.

— Deixa-te de seccas, Gonçalo! tu mandaste para outro mundo aquelle pobre do Guimarães, e eu até hoje tenho estado caladinho... ninguem sabe da historia.

— Dianho! não enxergas ali aquelle parceiro? hehehe a coisada não é biscoito! se a *bixa* soubesse, em ar de caiapiá eu daria com os costados na *casa fria!*

— Deixa-te d'isso... o freguez está sonhando com o copo e não sabe o que se passa agora, disse o cigano desvanecendo os receios do assassino Gonçalo.

— Olha, Cabelludo, proseguiu o bandido como se tratasse de um negocio trivial; chegaremos á porta do velho... zás! estaremos dentro! boto os gadanhos na pombinha e... estará no apá, e os priscos são só para o *cotucum*, palavra, parceiros!

— Prompto! volveu o Cabelludo.

— Prompto! repetio o Feiticeiro; e a noite do roubo é....?

— Sabbado que vem, respondeu o ex-capanga;— á meia noite.

— Disse, companheiro.

— Conta comigo.

— Pai Indá, olha... bico, heim? eu não sou biscoito! Agora arruma-te ahí com o teu *beberrão*... e por aqui me musco.

O Cabelludo e Feiticeiro se despediram do cigano e se retiraram após do Capador.

— Oh lá, freguez! tira-te d'ahi, que quero fechar a minha porta!

É assim fallando, Matheus sacudiu rudemente o desconhecido, que, fingindo-se bebado, levantou-se cambaleando, nada disse e sahio pela porta fóra.

A chuva n'essa occasião havia cessado.

O pai Indá fechára logo a porta de sua tasca, indo juntar-se com a Cegonha.



CAPITULO SEXTO.

Uma idéa de sangue e um pensamento de felicidade.

São onze horas da manhã.

Leopoldo de Campos está em companhia de João Antonio.

— Ora, Sr. commendador, muito tenho estranhado o seu procedimento para comigo; permitta-me que falle a V. S. com aquella *franqueza* de que uso...

— O que é que diz, homem? pois eu então hei-de as perder em ar de graça a metade dos meus bens? respondeu o capitão em tom arrogante.

— E se eu chamar V. S. a juízo?

— Direi que tudo foi uma impostura.

— Impostura, meu fidalgo... impostura... nem V. S. sabe da alhada em que está mettido! observou o aventureiro com mysterio.

— Senhor Leopoldo, bem pode saber que as autoridades d'esta terra não me fazem bater o coração.

— Mas, Sr. commendador....

— Não quero saber de historias... a Carolina...

— O que tenho eu agora com essa viuva?

— O que tem?

— Pois eu não cumpri o trato que fiz com V. S.?

— Não, não cumprio, disse seccamente João Antonio.

— Ora, senhor fidalgo! está caçoando commigo! volve o ex-professor sorrindo faceticamente.

— Não costumo a caçoar, Sr. Leopoldo; o senhor me conhece bem... e assim...

— Está boa esta! então o que queria que eu lhe fizesse?

— Entregar-me a Carolina.

— E não lh'a entreguei, Sr. commendador?

— Não, homem, não m'a entregou... porque... não satisfiz o meu desejo.

— Ah! não satisfez o seu desejo?... e que me importa isso? não tenho eu a sua doação, meu bom fidalgo?

— E' uma impostura, homem! já lhe disse...

— A impostura V. S. ha-de ver, retorquiu o aventureiro mysteriosamente e como ameaçando a João Antonio.

— A escriptura está nulla, porque eu não sei o que fiz; tinha a cabeça perdida e....

— Meu fidalgo, não falle isso, que provoca-me o riso; o instrumento publico foi passado com todas as formalidades; nada lhe faltou.

— Eu não quero saber de tal escriptura, Sr. Leopoldo, e se me obrigar a entregar-lhe os meus bens, n'esse caso principiaremos uma demanda; e bem sabe que sou teimoso.

— Qual demanda, meu commendador... não pense em tal, murmurou o aventureiro em tom de pachorra; a doação que me fez realisar-se-ha logo que eu trate d'isso. Peço, pois, a V. S. que....

— Sr. Leopoldo, observou gravemente o capitão, repito-lhe que essa doação está nulla, e os meus bens por maneira alguma lhe serão entregues.

— O commendador falla serio?

— Não costumo brincar, respondeu João Antonio com arrogancia.

— Pois bem. Já que assim falla, saiba V. S. que eu posso perdê-lo de um momento para outro... tenho em minhas mãos a sua sorte...

— O que é que diz, homem? murmurou João Antonio colerico.

— A verdade, Sr. commendador, a verdade, retorquiu o ex-professor affectando um ar soberano; estou ao facto de sua vida mysteriosa...

O capitão saltou com a furia do tigre sobre o aventureiro.

Este, com a rapidez do raio, puchou um punhal e pôz-se em defeza.

O commendador, tremulo, recúa dois passos.

— Não se zangue assim, *nobre* commendador; porque eu lhe disse a verdade, acrescenta Leopoldo esquecendo um instante a sua affectada gravidade; e se quizer que tudo patenteie a V. S....

— Não... não... balbucia João Antonio como se fosse vencido por uma poderosa vontade; eu me humilho, Sr. Leopoldo... não me perca... tudo arranjaremos.

— Ah! commendador! quanto folgo em ouvir-o fallar assim! nossa amizade continuará inalteravel.

— Faremos uma sociedade mesmo, Sr. Leopoldo, volve o capitão todo agitado e tremulo.

— Sociedade não, *nobre* commendador; porém seremos dois *amigos inseparaveis*... e ainda prometto-lhe a Carolina, que ha-de ser sua.

João Antonio, como que sentindo o amor ferir-lhe de novo o coração, balbucia:

— Carolina! Carolina!... se a apertasse em meus braços... ah! porém aquelle fantasma? aquelle fantasma?...

O aventureiro deu uma risada sarcastica e disse, fitando o capitão com o maior fleugma possível:

— Então a bella viuvinha anda acompanhada d'algum fantasma! não creia em tal, meu fidalgo, não creia n'essas visões do outromundo; foi talvez algum espertalhão que...

— Foi uma apparição terrivel, fiquei assombrado.

— Explique-me uma cousa, commendador: no momento que ia pegar a Carlina, ella não gritou por soccorro?

— Sim, Sr. Leopoldo, gritou.

— Pois eu já ponho isso em pratos limpos. N'esse instante alguém de certo passava pela rua, e, ouvindo a voz da moça, correu dentro e...

— Mas eu conheci aquelle fantasma...bem vi que era...

E João Antonio parou subitamente, como se uma idéa o lembrasse de repente que ia trahir um segredo que elle só confiava a si proprio.

— Era quem, meu fidalgo?

— Senhor Leopoldo, não tratemos d'isto, respondeu o capitão com embarço.

— De boa mente, commendador, respondeu o ex-professor sorrindo; ainda agora V. S. zangou-se comigo por pedir-lhe que me entregasse a metade de sens bens; pois eu exijo o pontual cumprimento da escriptura, quando não...

João Antonio parecia coordenar suas idéas desvairadas pela lembrança da bella viuva.

— V. S. bem vê que eu posso perdê-lo.

— Quinta feira entregar-lhe-hei esses bens, senhor Leopoldo, disse o commendador com apparente calma; mas se com effeito sabe de minha vida,.. oh! eu lhe peço que guarde segredo, porque....

— Dou-lhe minha palavra, commendador, fique tranquillo, nada descobrirei; conte com a minha *discrição*...

O capitão, superficialmente, mostrou ao aventureiro que ficava socegado com a sua promessa, porém se o ex-professor attentamente fixasse a physionomia d'esse homem, viria logo que ella presagiava algum sinistro, por que era carregada e ameaçadora. Dir-se-hia que um pensamento negro turbava o espirito de João Antonio.

Mas o aventureiro não deu fé d'isso e continuou em certo tom de mofa :

— Pois bem, meu fidalgo, estou satisfeito com o procedimento de V. S., e do que muito me alegro... não esperava outra cousa de sua *honradez e capacidade!*

Os nossos leitores estão scientes que o commendador é um homem criminoso, e por conseguinte elle não tivera coragem para perguntar a Leopoldo como e porque maneira sabia este dos mysterios de sua vida, mysterios que, se fossem descortinados, fariam a sua perdição envergonhando aquelles que se honravam em ter um tal amigo. Assim como o malvado que anda sempre desconfiado, julgando que todos adivinhão os crimes que lhe ennegrecem a alma, assim João Antonio não se atrevera a interrogar o aventureiro, pensando realmente que elle tinha trado esses arcanos, e pôr tanto, valeu-se da humilhação para sahir da situação em que se achava, pois que parecia-lhe a cada momento ouvir a sua sentença de condemnação que o ia precipitar em immunda enxovia. Teve medo de Leopoldo, como se este fosse um juiz severo e terrivel.

A humilhação, pois, livrára o commendador do duplo terror que o ameaçava; e logo uma rapida lembrança lhe atravessára a mente.

Essa lembrança trazia uma idéa horrivel — a morte do aventureiro.

Era a unica salvação do commendador.

Algum tempo depois elle sahia da casa de Leopoldo, prometendo a este que seria pontual na entrega da metade de sua fortuna no dia determinado.

O ex-professor reiterára ao capitão a promessa de novamente entregar-lhe a bella Carolina.

O cynico Leopoldo, ficando só, murmurou consigo alegremente:

— Este miseravel, eu o tenho nas mãos... tudo conseguirei d'elle pela força d'essas palavras magicas. Oh! aquelle thesouro! aquelle thesouro! foi para mim uma fortuna immensa, por quanto, muito *honestamente*, me apossearei de toda a fortuna do *nobre fidalgo*... fortuna que me collocará no apogéo da grandeza... sim, quero ser grande, e o serei, porque o meu destino é propicio. A illusão que me acalenta docemente, esse bello souho que me mostra o caminho da riqueza, realizar-se-ha talvez em breve... sim, serei muito rico... e depois... Leopoldo de Campos o —Valdiviño— ha-de ser um titular... e ainda a Flôr-de-Abril fará as delicias de minha vida...

N'esse mesmo instante bateram palmas á porta da sala do aventureiro.

Este foi ver quem era.

A figura de Jacarandá appareceu no limiar, fazendo uma reverencia ao ex-professor.

— Oh! Sr. advogado, V. S. por aqui! disse este em tom officioso.

— Sr. Leopoldo, venho pedir-lhe um obsequio, que conto ser servido; é um obsequio particular.

— Oh! Sr. Jacarandá! para tudo que lhe puder prestar, conte comigo, respondeu o aventureiro offerecendo uma cadeira ao advogado.

Este, sentando-se, puchou de sua caixa de tabaco, tomou uma solemne pitada de *cangica*, e accrescentou alto:

— Venho rogar-lhe a sua intervenção para que faça com que o commendador João Antonio me pague aquelles trezentos mil reis que me está devendo do trabalho que tive como assessor de Apollinario no processo da morte do Guimarães.

— O que diz, Sr. advogado? pois será possivel que não esteja ainda pago d'essa quantia?

— Não estou pago, senhor Leopoldo, não estou pago.

— Uma quantia tão insignificante para um fidalgo!...

— Fidalgo, Sr. Leopoldo, fidalgo... digo-lhe que João Antonio é um caipira! resmungou Jacarandá raivoso.

— Pois quantas vezes já lhe tem pedido esse dinheiro?

— Algumas quatro... e nada de novo... o tal commendador assentou de caçoar comigo.

— Admira-me um semelhante procedimento, senhor advogado, admira-me!

— Eu ha muito tempo já dei na malhada; elle o que queria era ver pronunciado aquelle pobre Epiphanio, de que hoje tenho convicção que é innocente.

— Julga isso, Sr. Jacarandá?

— Sim, Sr. Leopoldo, por certos motivos que depois lhe direi.

— Senhor advogado, eu fallarei ao commendado para que o satisfaça dos trezentos mil reis.

— E ficar-lhe-hei agradecido, senhor; é um especial favor que me faz.

— Estê João Antonio... este João Antonio... resmungou o aventureiro como se fizesse um máo juizô do capitão.

— Eu o entendo, senhor Leopoldo, eu o entendo; mas fique certo que se elle não pagar-me, tenho uma boa vingança.

— Que vingança, Sr. Jacarandá?

— Porei-lhe os podres na rua pelos jornaes.

— O que é que diz, homem?

— A verdade, Sr. Campos, a verdade; assim serei bem pago.

— Veja, Sr. advogado, que o commendador é terrivel!...

— Terrível... terrível será uma correspondencia assignada em publico e raso, na qual tudo direi, e então a honra de João Antonio...

— N'esse caso farei o que estiver a meu alcance para evitar isso.

— Eu lhe ficarei bem agradecido, Sr. Leopoldo, disse o rabula respirando a sua pitada.

— Mas, senhor advogado, conte-me qual a razão que tem para julgar innocente a Epiphanio de Mattos quando esse crime...?

— Nada vale, senhor, nada ; João Antonio é o culpado d'essa tramaioa.

— Como?

— Elle é amante da viuva do Guimarães.

— Amante de Carolina?... ora, senhor Jacarandá?... murmurou o aventureiro como se com effeito duvidasse de tal negocio.

— Sim, Sr. Leopoldo, o homem até anda hallucinado pelo amor d'essa viuva.

— Não creio, Sr. advogado, não creio, volve o ex-professor sacudindo a cabeça e illudindo o rabula com estudado fingimento.

— Pois creia, Sr. Campos, estou ao facto d'isso.

— Mas como?

— Uma certa pessoa orientou-me que João Antonio queria se *descurtar* de Epiphanio para não estorval-o nos seus loucos amores.

— Oh! oh! exclamou o aventureiro com surpresa.

— E de facto conseguiu o seu intento.

— Conte-me, Sr. Jacarandá, conte-me o nome d'essa pessoa.

— Isso não é possível, observa o rabula gravemente.

— Ah! não posso saber?

— Já, não é possível.

— Pois bem, Sr. advogado, não insisto.

— Mais tarde lhe manifestarei tudo. Peço-lhe ainda que empregue a sua *influencia* para que o tal commendador me pague, quando não, elle verá para quanto serei capaz.

E assim fallando, o rabula levantou-se e pegou o chapéo.

— Senhor Jacarandá, havemos de arranjar da melhor maneira possível.

E o advogado, despedindo-se de Leopoldo, retirou-se da sala.

Este, fechando a porta por dentro, accrescentou consigo, cheio de satisfação :

— Tudo corre favoravelmente para a minha felicidade! Quando pensava eu que este *tranca* havia tido de ajudar-me na empreza, cujo fim está proximo?... ah!.. *nobre* commendador! o céu do teu futuro é carregado de densas nuvens, e a tormenta será terrivel! Agora só resta-me saber se o Capador já traçou o plano para o rapto de Maria, e por tanto dirijo-me á sua *tica*.

Momentos depois o aventureiro sahia de sua casa.

CAPITULO SETIMO.

**Flôr-de-Abril tem duas amigas. —
Ingenua confissão. — O vigario.**

São cinco horas da tarde.

Simão já se acha morando na cidade, n'essa casa que o doutor Luiz Alvares lhe arranjàra.

E' boa, simplesmente mobiliada, tendo um grande quintal, todo cheio de arvoredos.

O honrado velho, sentado no seu leito, decentemente arranjado em quarto espaçoso do interior, com uma janella que se abre para esse quintal, respira ahi o aroma suave das flores de laranjeiras, trazido nas azas de mansas auras que docemente brincam e se embalam pelos tenros ramos dos arbustos.

A bondosa Luiza está junto de seu esposo e escuta a conversa que este lhe dirige.

Eugenia, sentada sobre um estrado na varanda, costura um vestido de chita.

Flôr-de-Abril passeia no quintal em companhia das duas filhas do medico.

Ella já se havia familiarisado com essas meninas.

Simão, nos poucos dias que se sugeitára ao facultativo, experimenta alguma melhora em seu incommodo. Nada falta á sua familia.

O doutor e Ernesto procuram por todas as maneiras obsequiarem a essa boa gente.

A galante Maria já não é aquella menina que vimos mal vestida, com o lindo cabello largado negligentemente pelas costas; ella está agora trajada com decencia, tendo um bello penteado, que a aformosea muito, e mesmo porque o seu semblante de encantos é risonho e puro como a aurora da madrugada.

Escutemos um instante a sua conversa com a filha de Luiz Alvares, á sombra de florida lorangeira, em cujo chão juncão-se as flôres perfumosas, quebradas pelo sopro da briza.

— Como é delicioso tudo isto aqui, D. Emilia! parece uma casa de verdura, toda crivada de flôres, não?

— Sim, Flôr-de-Abril, disse a donzella sorrindo como amiga da neta de Simão; isto tem muita poesia.

— Poesia, D. Emilia? me explique isso.

— Pois então não sabes o que é poesia?

— Não sei.

— Eu te explico: poesia é tudo aquillo que é bello, assim como o céo, a lua, o sol, o canto dos passarinhos, as flôres, o campo, a cascata, emfim Deos, Creador do mundo, é a poesia que se vê em toda parte.

— Em toda parte, como, D. Emilia? interrogou Maria com simplicidade.

— Porque tudo isto foi elle quem formou, e assim a poesia que estamos admirando é obra sua, e devemos por tanto adoral-a.

— Ah! D. Emilia! observou a galante menina ingenuamente; não era atôa que eu admirava muito essas poesias lá no nosso sitio, e quando ouvia o cantar dos passarinhos, tinha uma saudade... uma saudade, que não lhe posso dizer o que era... me apertava o coração e... ficava triste...

— Já sabes, Flôr-de-Abril, que essa saudade era a poesia de Deos que se te mostrava.

— Mas, escute ainda, prosequio Maria no mesmo tom; depois tive um sonho... ah! um sonho que me deixou muitas saudades no peito... e depois....

E as setinadas faces da donzella se tingiram de ligeira sombra de carmim, como se tivesse pejo de completar a phrase.

Emilia reparou n'esse embarço, e volveu cheia de curiosidade :

— Conta-me, amiga, conta-me esse sonho tim-tim por tim-tim, quero ouvil-o... eu t'ó peço... não me serves, não?

— Oh! D. Emilia! eu lhe conto, mas tenho vexame, porque...

— Ora, Flôr-de-Abril! fez a filha do medico supplicante.

— Pois escute, D. Emilia, eu satisfaço o seu desejo.

E a neta de Simão relatou o sonho á sua amiga, não olvidando cousa alguma até o ponto que se realisára, encontrando-se com o joven Ernesto Camillo.

Emilia ficou surpresa, ouvindo tudo, e, sorrindo significativamente, inquire :

— Então gostas muito do primo?

— Pois já não lhe disse? volve Maria sem acanhamento.

— Elle tambem gosta muito de ti, Flôr-de-Abril.

— Como sabe, D. Emilia? perguntou a menina, mostrando no semblante casto regozijo..

— Sei, porque elle tem dito á mamai, respondeu a donzella vendo a satisfação de sua amiga.

— Pois uma vez que elle assim o declarou, D. Emilia, agora vou contar-lhe a verdade do que sinto.

— Eu te ouço.

— O retrato de Ernesto não me sahe do pensamento.

— Devéras?

— Devéras; D. Emilia.

— Tens-lhe muito amor?

— Muito.

— E queres...?

— Casar-me com elle, acudio Flôr-de-Abril resolutamente, porque Nossa Senhora assim quer... hei-de ser muito feliz... o Sr. Ernesto é um moço cheio de bondade... veja, D. Emilia, o que elle tem feito com vovô... levar lá ao sitio o Sr. doutor, e...

— Oh! não precisas dizer-me isso... eu conheço bem o primo:...

— Tambem o seu pai é muito bom; quantos benefícios lhe devemos!

N'esse momento Chiquinha, irmã de Emilia, appareceu ahi, toda risonha, trazendo uma laranja na mão.

— Olha, tanto procurei que achei uma fructa; deve estar bem doce; vamos comel-a lá dentro, amiga Flôr?

— Vamos, respondeu Maria com um sorriso.

— Escuta, Flôr-de-Abril, disse Emilia baixinho ao ouvido da donzella, o teu casamento com o primo será breve, porque... tu bem sabes...

Maria nada disse; porém acolheu a amiga com um terno abraço, e assim entrelaçadas, no affecto da mais pura e infantil amizade, ellas fôram para a casa, a alguns passos do lugar onde estavam.

Chiquinha levou o braço á cintura de Flôr-de-Abril, e assim as tres meninas fizeram um grupo encantador.

No aposento de Simão achão-se o vigario, o Dr. Luiz Alvares e Ernesto.

Maria, logo que avistou o seu padrinho, correu a beijar-lhe a dextra sagrada.

O virtuoso sacerdote abençoou-a cheio de amor, e, pegando-lhe nas mãos, falla bondosamente:

— Oh! agora estais risonha como a rosa da madru-

gada, minha filha! tendes duas companheiras para os vossos brincos, e por conseguinte vejo-vos feliz.

— E' verdade, padrinho, ando agora muito satisfeita, responde Flôr-de-Abril com leve rubor nas faces, porque já tenho duas amigas, e...

Um sorriso amoroso vóou aos labios de Ernesto, ouvindo assim expressar-se a menina.

— Quanto me alegra isso, minha filha! a vossa felicidade é o que do fundo d'alma almejo. A benção de Deos sobre vós! Ide com as vossas comaradas; não quero atrapalhar os vossos innocentes entretimentos.

A donzella foi se juntar com as suas amigas.

— Ora, Sr. doutor, sinto um prazer inexplicavel ouvindo o meu amigo Simão dizer que já experimenta alguma melhora com o remedio que V. S. applicou-lhe. Se a principio elle tivesse se sujeitado á sciencia, estaria ha muito tempo curado e Deos o alliviaría de seus pezares.

— E' verdade, Sr. vigario, isto mesmo já fiz ver ao doente; mas asseguro-lhe que hei-de pôl-o restabelecido dentro de dois mezes... tenho fé no Todo Poderoso.

— Oxalá! oxalá! volve o ancião pondo as mãos e erguendo os olhos.

— Sim, meu amigo, observa Ernesto, em breve o verei livre d'esse incommodo que ha tantos annos o molesta... que satisfação não teremos nós!

— Deos ha-de permittir, meu bom amigo, que a medicina o cure do mal que soffre, accrescentou o parochó gravemente e fixando a Simão.

Este, deixando a consternação da alma transbordar-lhe pelo semblante, balbucia commovido:

— Ah! parece-me que isso será impossivel, porque minha enfermidade é muito antiga; Deos vê que eu a tenho soffrido com resignação, tenho muita fé em sua misericor-

dia, mas... os meus desejos... talvez não sejam cumpridos...

— Não creê no que lhe affirmo, Sr. Simão? inquirio o facultativo complacentemente vendo que o velho ainda persistia em sua errada crença.

— Oh! Sr. doutor! eu o crei, porém...

— E o ancião interrompeu a si mesmo, como não querendo contrariar o doutor.

— Pois bem, meu honrado amigo, disse o vigario com summa bondade; tenha viva fé no Deos que adoramos, que a sua molestia em pouco tempo ha-de deixal-o.

— Ah! Sr. vigario! tenho toda a esperança na misericordia de Deos.

— Meu bom amigo, essa doce esperança que é a consolação dos que soffrem, anima sempre ao christão, derramando-lhe na alma o balsamo salutar da fé.

— E com ella, murmurou Ernesto, o meu amigo ha-de restabelecer-se.

— Sim, Sr. Simão, disse o medico gravemente, eu espero em Deos que o verei em breve curado de sua enfermidade.

— O Altissimo ponha a virtude nos seus remedios, Sr. doutor, volve o ancião com firmeza.

— Meu bom amigo, retorquiu o ministro de Christo fitando a Simão, mudemos agora a nossa conversa. Trouxe-lhe, na fórmula do costume, os seus sessenta mil reis, recebidos hontem; estão aqui...

E o sacerdote depositou as notas nas mãos do velho.

— Tenho ainda a communicar-lhe, Sr. Simão, um negocio importante.

— Negocio importante, Sr. vigario? interrogou o enfermo admirado.

— Sim, meu amigo, mas...

E o vigario hesitou e não concluiu a phrase.

— Sr. Simão, queira nos conceder licença, depois voltaremos; tem de ouvir talvez um segredo, e por conseguinte não nos é dado aqui estarmos, observa Luiz Alvares levantando-se da sua cadeira.

— É verdade, Sr. doutor, responde o parcho; é um segredo que tenho a communicar ao meu amigo Simão; queira pois desculpar-me se...

— Oh! Sr. vigario! fez o medico com sorriso bondoso; V. Rv. não tem que pedir-me desculpa alguma.

E o facultativo sahio do quarto acompanhado de Ernesto.

A boa Luiza estava na cozinha, apromptando a comida de seu marido.

Eugenia continuava na sua costura.

Flór-de-Abril, tendo obtido licença de sua mãe, correrá para a casa de Luiz Alvares em companhia de Emilia e Chiquinha.

Ahi Maria foi encontrar ainda o joven dos seus sonhos.

Logo que o vigario achou-se só com o honrado velho, disse-lhe:

— Meu bom amigo, não pense que aquella promessa que ha tempo fiz de procurar um esposo á minha afillhada, ficára no esquecimento, não... com o favor de Deos acabo de achar um bom moço, que não é pobre e vive honradamente; fiz-lhè ver tudo, e elle mostrou-se satisfeito, promettendo-me que seria marido de Maria.

— Oh! Sr. vigario! quanto beneficio nos faz! exclamou o ancião reconhecido.

— Nenhum, meu amigo, nenhum; é do meu dever procurar, como bom pastor, o bem das minhas ovelhas; e por tanto nada tem a agradecer-me.

— Mas, Sr. vigario, esse casamento não pode ser effectuado já, porque...

— Não, não... ha-de ser d'aqui a tres mezes, pois é quando finda-se o anno de luto d'esse moço.

— Ah! elle é viuvo?

— Sim, é viuvo, porém apenas tem dois filhinhos.

— Basta ser apresentado pelo Sr. vigario para capacitar-me que Maria será feliz em sua companhia.

— E' verdade, meu amigo, assim o deve pensar, porque procuro a felicidade de Flôr-de-Abril, como se fosse minha propria irmã. Seus ingenuos prazeres e alegrias affectam meu coração, e uma prece muda, porém expressiva, levo ao seio de Deos, rogando-lhe por essa pobre menina.

— Oh! Sr. vigario! não tenho maneiras para patentear a V. Rv. o quanto lhe sou agradecido! mas o Supremo Creador lá do alto do céu vê a sinceridade com que fallo ao seu ministro sagrado, murmurou o velho commovido.

— Meu bom Simão, eu leio em seu semblante o reconhecimento d'alma; ella justifica assaz a nobreza de seus sentimentos.

— Porém, Sr. vigario, accrescentou o ancião como se de repente fosse ferido por uma idéa triste; — Maria... coitadinha... se ella não sympathisar com esse moço... como obrigar-a? Não serei capaz... não terei animo para isso, eu a amo tanto... tanto...

O parochõ reflectio um momento e disse:

— Eu me encarregarei d'esse negocio, como seu padrinho; se ella então não aceitar o esposo que lhe destino, já-mais a forçarei, mas lhe farei ver que uma donzella está sempre caminhando sobre espinhos, e o precipicio se lhe autolha a cada passo, e por isso que cumpre evital-o; direi-lhe ainda que a missão da mulher sobre a terra é uma missão santa e sublime, e que é coroada pela virtude da casta esposa que ama a seu consorte com aquelle amor suave e puro que a nossa religião ensina; ella me obedecerá

sem fazer sacrificio algum ; tenho certeza d'isso, meu bom amigo, porque Flór-de-Abril é um serafim do Senhor.

— Bem, Sr. vigario, hem ; tudo deixarei em suas mãos, suspirou o honrado velho como se visse já o sentimento de sua querida neta quando ouvisse o santo sacerdote.

— Por ora, que fique entre nós este negocio, meu bom Simão, não nos convém divulgá-lo ; breve voltarei cá, e então conversaremos ainda. Agora vou retirar-me.

E assim fallando, o padre pegou no chapéo e despedio-se do seu pobre amigo.

Na varanda, encontrando-se com Eugenia e sua mãe, saudou-as e sahio, deixando sua benção para Maria.

Alguns minutos depois, Luiza dava a Simão a sua comida quotidiana.

Flór-de-Abril não tinha voltado da casa do medico.

Seus avós não se impacientáram com isso, e antes estimaram que a menina tivesse achado tão boas camaradas.

CAPITULO OITAVO.

João Antonio procura a morte de Leopoldo.

Tres dias se ha passado depois das scenas que descrevemos no capitulo antecedente.

João Antonio, em sua fazenda, conversa com o Capadar.

Essa conversa é sinistra : um terrivel plano o commendador acerta — o assassinato de Leopoldo de Campos !

O facinora Gonçalo escuta a seu ex-patrão, mascarado o seu fumo, com os braços cruzados sobre o peito.

— Então, homem ? está disposto a fazer uma *estralada* ? interrogou João Antonio com mysterio.

— Eh ! eh ! patrão... palavra ! que a coisada não me abixorna.

— Gosto de um homem assim... de dar e tomar !

— A-q-u-i, soletrou o Capadar com orgulho; não sou biscoito ! parceiro velho não cahe no apá.

— Pois eu quero que me faça um grande serviço, Sr. Gonçalo.

— Dê o seu tiro, patrão, que eu escóro, palavra !

— Quero que mate a um sujeito que....

— Dianho ! volveu o assassino admirado.

— O que diz, homem ?

— Elle coxilará no capim, em ar de *te-nhem-nhem-no-masque* ! disse o malvado terrivelmente.

— Prepare-se, Sr. Gonçalo, para matar aquelle seu antigo patrão.

— O patrão Leopoldo?! exclamou o bandido com surpresa.

— Elle mesmo... quero a morte d'esse diabo; respondeu o capitão em tom arrogante.

— Porém, patrão... eu... eu... palavra! que...

— Ah! tem medo de Leopoldo?

— Nada me abixorna, patrão; sou raposa velha... mas aquelle patrão Leopoldo...

— Recusa então fazer essa morte, homem?

O Capador sacudio a cabeça affirmativamente.

— Ah! não gosta mais de ganhar dinheiro?

— Muito, patrão... tomára eu uma porção de coco para botar no *cotucum*, palavra!

— Pois eu lhe darei uma boa quantia se fizer o que quero.

— Para *limpar* o patrão Leopoldo, patrão commendador, nem que vossuncê me pinte o coco, não diverte o parceiro.

João Antonio reflectia.

— Dianho! prosequio o facinora como que sentiudo não ganhar o dinheiro do capitão; se o patrão Leopoldo não fosse um companheiro de trúz, coxilava só no capim; em ar de caiapiá.

— Senhor Gonçalo, mate aquelle diabo de Leopoldo, que dar-lhe-hei um conto de reis.

— Diga que não me vio, patrão, palavra! eu *limparia* o parceiro, porém o patrão Leopoldo não é cá comigo.

— Regeita ganhar um conto de reis? interrogou o capitão com zanga.

— A-q-u-i, patrão commendador, respondeu o Capador revirando a masca na bocca.

— Está bom, homem, lhe darei dois contos... dois contos de reis!

— Dianho! resmungou o bandido indeciso.

— O que diz, Sr. Gonçalo?

— Dianho! repetio o facinora sem resolver-se.

— Dou-lhe tres... quatro contos mesmo, disse João Antonio resoluto.

— Eh! eh! patrão, palavra! que em ar de caiapiá a coisada diverte o parceiro.

— Decida! retorquiu o capitão com soberania.

— E o patrão bota-me o coco cá para o *cotucum*? inquire o Capador como se deliberasse a commetter mais um homicidio.

— Logo que tenha matado o Leopoldo.

— Não é cá comigo, patrão, não é cá comigo, murmurou o bandido sacudindo a cabeça negativamente.

— Ah! quer o dinheiro á vista!

— A-q-u-i. soletra o malvado.

— N'essa não cáio eu, redarguiu o commendador com zanga; pagar-lhe adiantado!

— Pois, patrão, em ar de *te-nhem-nhem-no-masque*, diga que não me vio.

— Escute, homem: assim que matar o sujeito, venha buscar o dinheiro.

— Patrão, a coisada não me serve, palavra!

João Antonio não respondeu.

— E quando não, continuou o Capador, eu me musco por aqui assim.

O capitão pensava.

Depois de alguns momentos ponderou:

— Nada... nada, homem; adiantado nem um real... n'estes negocios não ha fiança.

— E eu, patrão, não faço conta do seu coco, palavra!

— Então retire-se, que nada temos feito.

— Com os dianhos! o patrão está todo levado da bréca,

volve o bandido sorrindo; pois eu já n'este baque espicho as gambias e me musco, palavra! Adeos, patrão.

— Não quer mesmo ganhar os quatro contos, homem?

— Diga que não me vio, patrão.

E o Capador pegou no seu chapéo e sahio da sala de João Antonio.

Este, ficando só, tira fogo no isqueiro, accende o cigarro que tirára de traz da orelha e accrescenta comsigo:

— Não importa. Este rapanga assim que se pilhasse com o dinheiro na algibeira, seria capaz de atraçoar-me e de perder-me; esta qualidade de gente não é de fiança; vou, pois, á cidade procurar o Peito-Cabelludo ou o Feiticeiro, que poderão prestar-me esse serviço. Oh! sim, é preciso que Leopoldo morra, do contrário, tarde ou cedo, elle tudo descobrirá, porque diz que sabe dos segredos de minha vida. Diabo! querer roubar-me metade de minha fortuna só por causa da minha paixão pela viuva! e eu, que sem pensar no que fazia, fui assignando aquella escriptura lá perante o escrivão! para ter essa Carolina em meus braços não preciso do aventureiro... ella ha-de pertencer-me, seja lá por que modo fôr... e se o fantasma apparecer ainda... oh! terei coragem para vencel-o... não hei-de tremer... não... embora venhão todas as visões d'outro mundo. Eu, que tantas *proezas* tenho feito... eu, que sou um valentão chapaho... andar como louco pelas ruas, indo depois ouvir aquelle sermão do vigario, essa cantilêna que me ia acabrunhando como se elle soubesse de minha vida... forte destampatorio!... e tudo isto era só o medo... o terror d'essa *alma perdida!*

E o commendador deu uma risada, como zombando de si mesmo.

E logo continuou nas suas reflexões:

— Minhas tenções estão feitas... Leopoldo morrerá...

a viuva virá para esta casa... mas Catharina denunciarme—ha assim que pescar que eu ando apaixonado... oh! esta *rapêja* pode fazer—me muito mal... ora! para que me incomodar alda quando tenho nas mãos o remedio para livrar—me d'ella?... uma dóse de veneno a mandará *mudar* ligeiramente da casa... pois isto... isto o farei brincando... este *entulho* é o precipício que tenho comigo, e....

O pensamento do commendador foi interrompido por sua *caseira*, que appareceu inesperadamente perto de João Antonio.

Este sobresaltou—se, como se julgasse que Catharina tinha adivinhado a sua machinação tenebrosa.

— O que queres? interrogou o capitão em tom...

— Arre lá com mecê, nho João! respondeu a mulher espantada.

— O que queres, heim?

— Gente! mecê anda muito bravo agora! o que tem nos seus peitos?

— Não é da tua conta, moça... deixa—me.

— Ora, nho João, socegue um pouco! eu quero dizer uma coisinha para mecê... olhe, que devéras eu ando cheia de canellas.

— Que canellas, moça?

— Mecê anda assim bravo; eu bem sei porque é.

— Ah! sabe! disse o capitão olhando de travez para a sua *companheira*.

— Mecê deu na *fi*na... e está perdido!

— O que é que dizes, moça? resmungou João Antonio raivoso.

— Eh! eh! mecê não falle assim, que é peor, murmurou Catharina despeitosa; nunca esperei que mecê

andasse lá na cidade atraz d'aquella *furrumpesca* da Cegonha... devéras, nho João.

O capitão não poudo ouvir isso sem dar uma gargaalhada.

— A *furrumpesca* da Cegonha? repetio elle surprezo; pois quem te encaixou isso no casco? falla!

— Foi um homem amigo de mecê.

— Que homem?

— É o senhor.... mecê espere um pouco... deixe-me lembrar...

E Catharina, como quem se recorda de um objecto esquecido, levou o indice da mão direita á bocca e assim permaneceu por alguns momentos. ••

— Ah! ah! já me lembro... é o Sr. Leopoldo...

— Leopoldo veio cá? inquire João Antonio raivoso.

— Sim, nho João, veio n'aquelle dia que mecê chegou a cidade.

— E não me disseste nada, heim?

— Como havia de lhe dizer se mecê trouxe uma cara tão *enxofrada!* (*)

— E o que veio elle fazer?

— Fallar com mecê.

— E depois?

— Disse que esperava mecê duas horas.

— E depois?

— Irra com nho João! mecê parece que está todo *cannelludo!* falla com uns modos! Devéras que eu não gosto d'isso!

— Diga-me, moça, o que se passou mais?

— Pois eu já não disse a mecê?

— Não, moça, não.

(*) *Enxofrado*, termo usado pelos caipiras, que significa —carrancudo.—

— Eu deixei o homem na sala e fui lá para o laranjal, quando voltei não esbarrei mais com elle.

— Aquelle maldito, pensou o capitão comsigo, seria capaz de dar-me alguma busca em casa... e eu que havia deixado a chave da minha burra... quem sabe?... porém vejamos o que diz esta mulher.

E accrescentou alto :

— Não estou satisfeito, moça ; não me contaste qual a razão porque Leopoldo, sem mais nem menos, foi te dizendo que eu estava perdido por essa Cegonha.

— Mecê deixa a gente com a cabeça doendo... o que mais quer que eu diga ?

— Leopoldo então disse que...?

— Arre lá ! mecê é teimoso ! pois eu lhe digo tudo... tudo... tim-tim por tim-tim, murmurou Catharina já massada.

— Sim, quero saber, moça.

— A principio o homem veio dizendo que tinha dó de mim, por causa de mecê andar por lá perdido com a tal *furrumpesca*, e que havia de botar fóra toda a sua riqueza, e que estava anciado para saber quanto dinheiro mecê tinha em casa.

— Diabo !

— Mecê está com zanga pensando que eu...

— E o que lhe disseste ?

— Ora, o que havia de dizer ? que não sabia onde mecê tinha o seu dinheiro.

— Mas elle não entraria lá dentro em quanto foste ao laranjal ?

— Lá sei, nho João !

— As negras onde estavam ?

— Tinha uma só na cozinha.

— E os crioulos ?

— Brincavam no terreiro.

Uma idéa rapida passou pela mente de João Antonio e o perturbou.

— E aquella chave?... aquella chave?...

— De que chave mecê me falla?

— A chave d'aquelle quarto onde tenho... os meus... papeis...

— Pois eu lá sei de chave, nho João?

— Ora bonito, moça! faze-te desentendida...

— Mecê deu-me alguma chave para guardar?

— A chave não ficou em cima d'esta mesa?

— Lá sei d'isso! mecê anda com a cabeça tonta e depois vira-se com a gente como se a gente tivesse culpa! arrê lá!

E Catharina deu um estalo com a bocca.

— Tu então não pegaste na chave?

— Mecê não me aborreca, nho João.

E a *casetra* do commendador, assim fallando, retirou-se para o interior da sala.

João Antonio ia dirigir-lhe outra pergunta, quando ella desapareceu da sala.

— E' muito provavel, disse elle comsigo, que esse aventureiro de mil diabos pegasse na chave e me sondasse a casa... oh! se elle com effeito deu com o quarto... deixei na fechadura a chavinha da commoda... se o maldito visse o meu *thesouro*... e depois ainda...

E João Antonio subitamente sahe da sala, murmurando alto:

— D'aqui a hora e meia estarei na cidade e Leopoldo ha-de ser morto...

Alguns minutos depois elle montava no seu animal, tendo o pensamento perturbado com essa terrivel idéa.

CAPITULO NONO.

**Os dois amigos.—A intriga de Leopoldo
vai ser derribada pelo desconhecido.**

Estamos na chacara das —Palmeiras.

São cinco horas da tarde.

Epiphanió está em companhia de seu amigo Fabricio.

Elles se acham no jardim, em baixo do caramanchão e fumão os seus charutos.

— Amigo, os teus negocios caminham bem, e em breve te verei ligado para sempre á joven dos teus sonhos.

— Ah! Fabricio! hei-de ver isto realisado, e não acreditarei ainda.

— Quando se deseja muito um objecto encantador, assim é, duvida-se da realidade... Outra coisa, Epiphanió...

— O que, amigo?

— Olha, o rabulá do Jacarandá está furioso contra João Antonio por causa de trezentos mil reis, quantia que ajustou para assessorar a Apollinario no processo em que te comprometteram, e o commendador agora não os quer pagar.

— E o que diz elle então?

— Que está convencido que és innocente.

— Ah! E que mais?

— Vai fazer uma correspondencia contra o capitão, que o pulverisará.

— Ha-de ser interessante isso.

— Havemos de ver muita cousa, Epiphanio, está me parecendo que João Antonio e Leopoldo de Campos são os verdadeiros complices da morte do Guimarães... ha razão para assim pensar-se: um pela paixão da linda Carolina, e o outro pela ambição do dinheiro.

— Tuas observações, Fabricio, são bem fundadas.

— E demais, aquelle mysterioso personagem, que livrou a viuva dos braços do capitão, appareceu-me em casa e teve uma conferencia com Basilio de Carvalho.

— Sim?

— E' verdade, amigo, porém nada te posso dizer, por que n'essa occasião não me achava em casa.

— Pois o velho não te contou o que se passára? não te disse quem era o desconhecido?

— Só disse-me que este espiava os passos de João Antonio, e que te havia de favorecer no teu consorcio com a bella Carolina.

— Mas... eu fico confuso, Fabricio... não sei o que possa dizer-te sobre isto...

E o joven parecia reflectir.

— Só o que te affirmo é que Basilio de Carvalho e o mysterioso personagem são conhecidos.

— Para desconfiar que esse João Gregorio com quem o velho se encontrára é João Antonio...

— Espera, amigo, espera...

E Fabricio pensou um momento.

— Ha probabilidade d'isso, Epiphanio..

— E' um mysterio que cabe a ti romper o véo que o occulta, Fabricio; esse desconhecido, que tão generosamente se tem prestado a Carolina, faz-me parafusar muito.

— Nada poderei conseguir de Basilio; elle guardará o segredo d'essa mysteriosa entrevista.

— Teima com elle, Fabricio.

— Não, não, amigo, não quero abusar da bondade do pobre velho; em breve veremos esses mysterios descortina-dos; tem paciencia e espera.

— Este negocio todo parece-me um romance.

— E' verdade, Epiphanio.

— Olha, amigo, tenho tido saudades pungentes de Carolina... sua doce imagem adeja constantemente por meu espirito como uma visão encantada do céu.

— E ella, lá na fazenda do seu pai, o que não soffrerá?

— Fabricio, eu tenho receio d'esse barbaro pai... pode novamente obrigar-a a outro casamento.

— A viuva, Epiphanio, agora é senhora de suas accões; o pai não poderá forçal-a; ella fará o que muito lhe parecer!

— Mas porque motivo iria Carolina á roça?

— Tu o sabes, amigo.

— Ignoro, amigo, devéras.

— Pois João Antonio e Leopoldo não seriam bastantes para amedrontal-a?

— Tens razão... oh! ali vem o Sr. guarda-mór.

— E traz uma carta na mão, Epiphanio.

— Teremos alguma novidade?

— Talvez, Epiphanio.

E os dois amigos esperaram a Estevão.

— Sr. Epiphanio; disse o guarda-mór chegando, trago-lhe uma carta que acabo de receber, vinda da cidade.

— Oh! senhor! tanta bondade! volve o joven Mattos, recebendo essa carta sobresaltado, como se presagiasse uma agradável nova.

Fabricio ficou ancioso por ver o que isso significava, pois que tambem sentio algum abalo no coração.

Epiphanio pedio licença ao guarda-mór para ler a carta.

E o mancebo leu para si as linbas que se seguem :

« Senhor Epiphanio. Tudo descobri... sois innocente
« da culpa que vos impotaram no processo da morte do
« negociante Guimarães... conheço o assassino e a qual-
« quer hora elle será entregue ás mãos da justiça. Tende,
« pois, um pouco de paciencia; Carolina será vossa es-
« posa. O negocio em que me acho envolvido, é um mys-
« terio, que cumpre por ora ficar nas sombras. Aquelle
« que esta vos escreve e que tem procurado fazer-vos
« algum serviço, é um vosso amigo dedicado; porque, em
« outro tempo, entreteve estreitas relações de amizade
« com vosso pai, que habita a mansão dos justos, e de
« quem recebera grandes obsequios.

« Espero em Deos, que brevemente me haveis de co-
« nhecer. — R. »

O joven ficou estupefacto lendo essa carta.

Elle, como contava com a discrição de Estevão, mos-
trou-lh'a logo, dizendo agitado pela satisfação que sentia:

— Sr. guarda-mór, é ainda um mysterio que se en-
contra n'estas linhas.

— O que é então, Sr. Epiphanio.

— Leia, senhor, leia.

— Vejamos, disse Estevão tomando a carta.

— Poderei saber, Epiphanio, o que significa esse mys-
terio?

— Ainda m'o perguntas, Fabricio?

Este, junto do guarda-mór, em poucos momentos leu
o conteúdo d'essas linhas.

— Oh! oh! é o homem mysterioso... o salvador de
Carolina... conheço-lhe a lettra... elle te faz um duplo
beneficio, amigo...

— O desconhecido falla com toda a segurança e em
poucas palavras, ponderou Estevão dando a carta a Epi-
phanio. Dentro de pouco tempo terei o prazer de vê-lo

livre da calúnia que lhe armaram. Esse homem, quem quer que elle seja, tem alma nobre e reconhecida; sem o conhecer já o estimo.

— Fico-lhe obrigado, Sr. guarda-mór, pelo interesse que toma n'este negocio mysterioso, favores d'estes só se pagão com uma amizade sincera.

— Tomo parte n'este negocio, porque um dever sagrado me falla n'alma, que devo proteger a innocencia e profligar o crime; assim, pois, pondo de lado a sympathia que lhe tenho, presto-me com a melhor vontade, procurando d'alguma fórma benefical-o em semelhante trama.

— Oh! senhor! estes sentimentos são dignos de uma alma nobre e generosa!

— V. S. é bem conhecido por sua popularidade, retorquiu Fabricio; dizendo isto, tenho dito tudo.

— E' bondade sua, senhor, volve o guarda-mór um bondoso sorriso.

— O merecimento de V. S. dispensa mais elogios, responde o amante de Carolina guardando a carta.

— Senhor Epiphanio, vamos lá para a casa jantar, pois são horas; o Sr. Fabricio hoje nos faz companhia... tem vindo aqui tantas vezes e ainda não me deu esse prazer.

— Oh! senhor! murmurou o mancebo inclinando-se respeitoso.

— Sr. guarda-mór, vou contar-lhe um facto que se deu com o Jacarandá, disse Epiphanio sorrindo; facto que poderá trazer graves consequencias ao commendador João Antonio.

— Ah!

— Porque parece-me que o capitão não se aconimodará pelas boas maneiras, e assim o rabula, despeitado, será capaz de vingar-se pela penna.

— Pois bem, Sr. Epiphanio, lá em casa o ouvirei; e

por fallar em João Antonio, encontrei-o hontem na cidade, com unia cara terrivel... dár-se-hia que uma negra idéa tomava o seu pensamento.

— Aquelle homem, senhor, tem um máo coração, observou Fabricio em tom sério, acho-o sempre com cara de assassino.

— Diz bem, redarguiu Estevão; aquelle homem... aquelle homem tem o que quer que seja... desconfio muito d'elle...

— Quanto a mim, Sr. guarda-mór, accrescenta Epiphano, supponho esse commendador autor de um grave crime...

— Quem sabe? voltou Estevão retirando-se do jardim. Momentos depois entravam em casa.

N'essa mesma tarde, ás seis horas, outra scena diversa se passava na tasca do pai Indá.

O cigano conversava com o mysterioso personagem, o mesmo que, disfarçado em bebado, tudo havia presenciado do que se déra n'aquella noite.

O desconhecido era decentemente trajado.

Seu ar respeitavel incommodou ao cigano, que julgou ver algum emissario da policia, que lhe vinha tomar informações das *passagens* que se davam em sua taberna.

— Oh lá! volta o personagem gravemente; lembra-se d'aquella noite chuvosa em que aqui se achavam quatro freguezes, e que um d'elles, bebendo alguns goles da sua *pinga*, logo cahira embriagado?

— Oh! oh! fez o pai Indá com espanto; lembro-me, senhor.

— E que depois lhe roubaram vinte mil reis, que fôram repartidos n'este halcão....

— Não falle, meu senhor, não falle, acóde o cigano muito sarapantado.

— Escute, homem: eu não estava com a cabeça tonta, não... e espreitei tudo o que se passou...

— Senhor! senhor! por amor de Deos! não me perca! balbuciu o proprietario da tasca tremendo como se tiritasse de frio; eu... eu... não sou culpado!... não!... porém... V. S. veja... que estou prompto a dizer a verdade...

— Espere, espere... não se apresse... ha-de confessar-me tudo, quando não, estou autorisado para prendel-o á ordem do chefe de policia.

— Senhor juiz, supplicou o cigano com lamurias; V. S. é um homem tão bom... tenha dó de mim... sou um pobre velho, carregado de achaques... sabe Deos de que modo aqui vivo... quasi a morrer... oh! senhor! pelos Santos e Santas da corte do céo! tenha compaixão d'este velhinho que não tem outro crime senão o de *pautear* com os seus freguezes... e...

— Basta, basta, homem! não prosiga! exclamou o desconhecido em tom soberano; quero saber o facto da morte do negociante Guimarães, tal como se deu... não me occulte nada... veja lá!

— Oh! senhor juiz! eu digo a verdade... mas, por alma de sua mãe e de seu pai... lhe peço que perdôe ao seu pobresinho... tenho muito medo do *xilindró*... lá faz muito frio...

— Vamos lá; deixemo-nos de graçolas; disse o homem ar ameaçador.

— Lá vai, senhor juiz, lá vai...

E o cigano, todo assustado e olhando a cada instante para todos os lados, tremulo, contou ao desconhecido a horrorosa scena de que fôra espectador em sua taberna, deixando-lhe o Capador o corpo do desgraçado Guimarães

para que elle se arrumasse de fórma que o não compromettesse, dizendo afinal o pai Indá, que levára o cadaver á rua do Boqueirão, onde o largára.

— Diz isto mesmo perante o juiz?

— Estou prompto, senhor, estou prompto... mas vossa senhoria não me ha-de prender, não... O Peito-Cabelludo e o Feiticeiro tambem devem jurar.

— Isso não é da sua competencia.

— Porém, senhor, se eu ha mais tempo não denunciiei o Capador á justiça, era porque o maldito havia me *jurado a pelle*, e eu tinha medo, pois aquelle caboclo mata a um homem assim em ar de chalaça, como quem mata a um porco.

— Olhe lá, homem, se não disser ao juiz isto mesmo que aqui me relatou, irá immediatamente para a cadeia. Acompanhe-me.

— Meu senhor... eu... eu... agora n'este instante... ir assim atôa...

— Não admitto demora, venha, volve o personagem com arrogancia; venha.

O cigano, constrangido, pegou no chapéo, sahio da tasca, fechando a porta pelo lado de fóra, e acompanhou submisso ao desconhecido.

Este se encaminhárá á casa do juiz municipal do termo.

A intriga tramada por Leopoldo de Campos ia ser derribada.

Epiphanio ficaria livre da calumnia que se lhe imputára.

CAPITULO DECIMO.

**João Antonio encontra um capanga. —
O Capador e Leopoldo. — O desco-
nhecido.**

O commendador, tendo vindo para a cidade, como sabe o leitor, fôra á noite á tóca do Peito-Cabelludo afim de ajustal-o para assassinar a Leopoldo.

Isto se passava no mesmo dia em que o pai Indá acompanhava o mysterioso personagem á casa do juiz.

Lá fóra da cidade, em lugar solitario, habitava o bandido n'uma casinha de sapé.

Este ficou todo sobresaltado vendo ahi a João Antonio, que foi entrando dentro do cortiço, que era clareado pela luz amortecida d'um velho cãdiêiro.

O ladrão, mirando ao commendador, interrogou:

— Meu amo, precisa de mim?

— Sim, Sr. Roberto, quero que me faça um serviço com muita brevidade.

— Tópo, meu amo, responde o bandido com interesse, tópo...

— Quero a morte d'um homem...

— Escoro, seja lá a quem fôr, comtanto que o meu amo me pague as *cutias*. (*)

— Dou-lhe quinhentos mil reis para matar a Leopoldo de Campos.

(*) Cutia —dinheiro— termo muito usado pelos caipiras.

— Oh! oh! resmungou Peito-Cabelludo espantado.

— O que diz? serve-lhe?

— Muito, meu amo; porém matar a esse homem que me tem ajudado a viver... isto parece que não é do ajuste.

— Não o entendo, murmurou o capitão impaciente pelo resultado do negocio.

— Eu não mato aquelle homem, meu amo, respondeu bandido apparentando certo ar de gravidade e desinteresse.

João Antonio calou-se um momento, como se reflectisse.

— Escute, Sr. Roberto; para não estar com *chove não chove*, receba já duzentos mil reis, e trezentos mil reis lhe darei depois de feita a morte.

Peito-Cabelludo, dando uma risadinha e mostrando-se satisfeito, retorquiu:

— Meu amo, eu a modo que estou querendo receber *essas cutias*.

— Decida logo, que tenho pressa.

— Filei! exclamou o ladrão resolutamente.

— Então estamos ajustados?

— Disse, meu amo, disse! venhão as *cutias!*

— Eis aqui, Sr. Roberto; receba...

E o capitão deu ao bandido quatro notas de cincoenta mil reis, observando com ameaça:

— Veja lá! cumpra o ajuste... se faltar a elle, comigo se ha-de haver!

— Não tenha duvida, meu amo, o homem será espichado com um *tirasio* bem ao pé do ouvido... não lhe engano, não; sou companheiro de dar e tomar.

— A morte ha-de ser feita antes de quinta feira, tornou João Antonio terrivelmente, e os trezentos mil reis serão seus.

— Está filado, meu amo!

E o commendador sahio da tóca do bandido.

Este, ficando só, olhou para o dinheiro que tinha na mão. Sentio grande prazer contemplando as notas uma a uma.

— Ora, seria bem tolo se não fizesse o ajuste com o capitão; não chuparia agora estas *cutias*... e que me importa com Leopoldo? ha muito tempo que ando pescando atôa... o Capador não vendeu mais *gurundys*, e eu ando trocando as gambias sem que... fazer nenhum...

E parou um instante como se pensasse em alguma cousa.

— Pois fizei o *bixo* pelo cachaco! chupo ainda aquelles *pellegôs* (*) da mão do caboclo rico... quem já fez uma... pode fazer mais outra... sou corajudo, e assim que tiver o coco na unha, *bato guasca* pelo caminho de Minas, e Leopoldo fica lá espichado... tenho ali o meu *arrasa-mundo* (2) que é o meu *tira-duvida*... Amanhã, de noite, o *bixo* coxilará só...

E o bandido, assim fallando, guardou o dinheiro na algibeira da sua japona de baetão, pegou o chapéo e sahio, fechando a porta do cortiço por fóra e tirando a chave.

Encaminhou-se para a cidade.

Seriam oito horas mais ou menos.

Voltemos ao Capador.

Elle, tendo vindo da fazenda de João Antonio, n'essa mesma noite foi ter com o aventureiro em sua casa.

Este o fizera entrar em sua sala.

— Veja vossuncê, patrão, que o negocio não é biscoito, palavra!

— Que negocio, Sr. Gonçalo?

— Dianho! pois em ar de caiapiá o coimendador queria me dar uma porção de priscos para fazer o patrão muscar para o outro mundo.

(1) Pellego — notas de 1/000, para cima.

(2) Arrasa-mundo — trabúco.

— O que diz, homem? o que diz?

— Palavra! se eu não fosse camarada velho do patrão, botava só os priscos cá para o *cotucúm* em ar de *te-nhem-nhem-no-masque*.

— Então João Antonio quíz mandar assassinar-me?

— A-q-u-i, murmurou o bandido cruzando os braços no peito.

— E depois?

— Eu disse ao commendador que não era cá comigo, fosse lá por quantos priscos fosse, palavra, patrão! que o dianho ficou todo levado da bréca!

— E que mais, Sr. Gonçalo?

— Eh! eh! patrão! a coisada não é biscoito.

— Como assim?

— O patrão, se facilitar o dianho, coxillará no capim. Leopoldo ficou pensativo por alguns momentos.

Capador pôz a sua masca na bocca e othava para o aventureiro com refinada tratantice.

— Sr. Gonçalo, fico-lhe muito grato pelo bom serviço que me presta; eu lhe darei uma boa recompensa. João Antonio me ha-de pagar dentro de poucos dias.

— E eu, patrão, sou parceiro velho, palavra! parceiro que nada lhe abixorna!

— Bem o conheço, Sr. Gonçalo, bem o conheço; pode contar sempre comigo em tudo que precisar.

— Eh! eh! palavra! vossuncê é um parceiro de trúz! Agora, patrão, musco para a minha tóca, que já é tarde.

— Espere, Sr. Gonçalo, conte-me uma consa...

— O que, patrão?

— Já deu as providencias para o rapto da menina?

— Amanhã ella estará no apá, patrão.

— Quem leva comsigo?

— O Feiticeiro e Peito-Cabelludo, que são parceiros de dar e tomar, palavra!

— Veja lá, Sr. Gonçalo, veja lá; eu quero muito a menina... a paga será boa.

— E' cá comigo, patrão... em ar de *te-nhem-nhem-nomisque* a pombinha cahirá na unha.

— Estou satisfeito, Sr. Gonçalo.

— Adeos, patrão.

E o Capador sahio da sala.

Leopoldo, ficando só, reflexionou comsigo:

— E' verdade o que diz este homem, é verdade; João Antonio está receioso de mim... com effeito, tem razões para isso... quem occulta notas falsas em tão grande somma, deve andar desconfiado; e demais aquella escriptura que o obriga a entregar-me a metade de seus bens, essa doação feita n'um momento de delirio, também o exaspera, porque, não tendo certeza de acolher um encantador sorriso da linda viuva que o tortura, conhece o erro em que cahio, e por isso quer hoje vingar-se de mim. Pois bem, a luta principiou, meu *nobre* commendador! veremos a quem cabe a victoria!

E o ex-professor, que tinha sempre no pensamento a idéa da opulencia e da grandeza, fechou a porta por dentro e accrescentou ainda:

— Cumpre-me por em quanto acautelar-me de João Antonio; pois quem me diz que um capanga entrará de repente aqui e me pregará um estouro? nada, nada — o seguro morreu de velho, — acredito n'este axioma. Amanhã veremos o passo que havemos de dar.

E o aventureiro foi para o seu quarto.

Vejamos o que foi feito do pai Indá, que o desconhecido conduzira para a casa do doutor juiz municipal do termo.

O cigano chegando á presença d'essa autoridade, principiou a tremer de medo.

O magistrado, que é um moço circunspecto e respeitavel, recebe politicamente o mysterioso personagem.

Este, sem mais demora, contou ao juiz todo o facto tal como se déra, dizendo afinal que Epiphanio de Mattoz fôra injustamente pronunciado, firmando-se a autoridade processante nos depoimentos de tres testemunhas falsas, que juraram no summario, duas das quaes presenciaram Gonçalo assassinar ao negociante Guimarães, em cujo assassinato culpavam ao joven como complice, por causa de seus amores com a formosa Carolina.

O magistrado ouviu o desconhecido com toda attenção sem interrompê-lo; conheceu com effeito que Epiphanio era innocente e que fôra victima d'uma intriga tramada por occulto inimigo, e, certo d'isto, passou a interrogar o cigano, que confessou a verdade de tudo quanto se havia passado, accrescentando que fôra o negociante quem primeiro provocára o Capadór na tasca, desafiando-o á uma rixa.

— N'este caso, disse o juiz, cumpre-me mandar prender a esses dois individuos, Cabelludo e Feiticeiro, para bem averiguar o facto.

— Porém, senhor doutor, ponderou o desconhecido, se este homem sahir daqui, nada se fará, porque os bundidos fugirão d'esta cidade assim que tiverem aviso de que...

— Não, eu o reterei em eustodia, mandando-o para a cadeia.

— Oh! Sr. juiz! por amor de Deos, tenha dó d'este pobre velhinho... ir para o xilindró! eu lhe peço, senhor! supplicou o pai Indá choramingando.

— Cale-se, volve o magistrado altivamente.

O cigano quêdrou-se, mas suas pernas tremião como varas verdes.

— Se V. S. consente, Sr. doutor, eu me responsabilizo por este velho até amanhã levando-o para minha casa, pois ainda mesmo que elle fosse para a prisão, despertaria logo a desconfiança de Gonçalo e seus consócios, e isto seria máo, porque não se puniria o crime.

— Tem razão, senhor, responde a autoridade gravemente; o homem indo d'aquí para a prisão, em poucos minutos a noticia correrá e os verdadeiros criminosos escaparão d'acção da justiça, e assim é necessario toda a segurança n'este negocio.

— E' verdade, Sr. juiz, mas primeiro quero informarlhe d'este negocio.

— Estou prompto a ouvi-lo.

— V. S. sabe que sou muito interessado em derrubar essa calumnia que levantaram contra o joven Epiphânio de Mattos, e tenho todo desejo em apresentar os verdadeiros culpados. Moro n'esta cidade ha pouco tempo, mas tenho um dever sagrado, uma grande divida a pagar a esse mancebo, divida que já devia a seu finado pai — a gratidão!

O magistrado, sorrindo-se bondoso como gostando de ouvir ao personagem, murmurou:

— Oh! eu o louvo por tão excellente qualidade.

— Sim, Sr. doutor, a divida de — gratidão — nunca paguei... chego a esta cidade, soube que Epiphânio havia sido cúmplice ou mandatario da morte do negociante, sendo por consequencia processado: muitas passadas dei para descobrir o fio de semelhante trama, porém nada colhi do meu trabalho; mas uma noite, com a maior satisfação, tudo ouvi e vi, tendo perto de mim o assassino do Guimarães.

E o desconhecido patenteára ao magistrado a maneira pela qual conseguira tão feliz resultado:

O juiz apertou com affecto a mão do mysterioso personagem, dizendo-lhe:

— Folgo muito de o conhecer; sentimentos tões são proprios de corações grandes e reconhecidos. Dá-me, pois, summo gosto em dizer-me o seu nome.

— O meu nome, Sr. doutor? oh! bem sinto não lh'o poder dar já... não posso...

— Não pode? porque então? acaso...?

— E' um mysterio, senhor, volve o estranho personagem com gravidade; um mysterio que será descortinado dentro de pouco tempo, porque ainda me falta ver suplantada a intriga, na qual parece-me que toma parte um grande personagem do termo d'esta cidade.

— Isto me surprehende, senhor; fico impaciente com semelhante noticia.

— Assevero a V. S., que em breve lhe explicarei tudo, e por tanto haja de relevar-me não acceder ao que agora me pede,

— Pois bem, senhor, não insto; porém quero saber o modo de ter este velho sem que desperte a suspeita.

— Levo-o comigo, senhor juiz; como já disse a V. S., por elle me responsabiliso.

— Fio-me de sua palavra, senhor, e amanhã se dará todas as providencias para a prisão d'esses malvados.

O cigano não cabia em si de contente logo que soube que não ia para a cadêa; todavia, ficou amedrontado pensando no terrivel Capador, que seria capaz de o estrangular, mesmo na presença do juiz; mas accomodou-se, tendo fiança no desconhecido, de quem esperava ser favorecido.

Momentos depois este sahia da casa do juiz, levando consigo o pai Indá.

O manto da noite occultou esses dois homens aos olhos do povo.

Elles se dirigiram para um dos arrabaldes da cidade.

O cigano tinha fama de valentão.; porém a sua coragem o desamparára, e o medo viera dominal-o a ponto quasi de fazel-o pateta. Assim, pois, seguia machinalmente ao mysterioso personagem sem a mais pequena resistencia.

Quanto ao juiz, assim que ouvira a declaração do desconhecido, convencera-se que com effeito escutava a um homem de excellente coração, e por conseguinte o acreditára, impressionando-se do mysterio da morte do negociante e esperando ancioso pelo dia para bem apreciar esses factos e punir com o gladio da justiça aos verdadeiros delinquentes.



CAPITULO DECIMO PRIMEIRO.

O desconhecido derriba a intriga contra Epiphanio. — Jacaramlá e Leopoldo.

São dez horas da manhã.

Na sala da camara acha-se o Dr. juiz municipal do termo em companhia do seu escrivão.

Muitas pessoas assistem com interesse aos interrogatorios de dois presos, o Peito-Cabelludo e Feiticeiro, os quaes são guardados por alguns soldados policiaes.

O pai Indá respirou livremente não vendo ahi o Capadot, e por isso, á ordem do magistrado, relatára novamente tudo quanto se passára respeito á morte do Guimarães.

Os dois bandidos quizeram negar o facto; porém o juiz, amestrado no seu arduo ministerio, ia conseguindo alguma coisa, fazendo que a cada momento os ladrões cahissem em contradicções. Por fim, o desconhecido, que tambem se achava presente, scientificára ao magistrado, que a velha Cegonha era uma das testemunhas falsas que culparam a Epiphanio de Mattos, e por conseguinte era conveniente a sua prisão e interrogatorio.

A autoridade immediatamente mandou passar o competente mandado, e alguns minutos depois a velha era conduzida á presença do juiz, toda espantada e tremula; seu semblante era horrivel: suas melénas hirtas pelos hombros a faziam uma verdadeira furia.

O magistrado, tomando a sua attitude grave, passou a interrogal-a, dizendo-lhe que confessasse a verdade, pois que de nada lhe serviria se negasse o facto.

O cigano, pensando talvez que a sua *casceira* nada dissesse que justificasse a sua denuncia, interveio n'esse acto, resmungando:

— Anda lá, diz tudo direito, senão.... o *xilindrò!*...

A megera temeu-se da justiça, e assim receitando ir para a cadeia, contou o que havia succedido, accrescentando mais que ganhára uma quantia para jurar contra o joven Mattos, e que o dinheiro lhe fôra entregue por ordem do commendador João Antonio.

Leopoldo de Campos, sempre astu-rioso e previdente, quando arranjára essas tres testemunhas falsas, as pagára em nome do capitão, tirando assim a responsabilidade.

O desconhecido, ouvindo a Cegonha pronunciar o do commendador João Antonio, teve um ligeiro estremecimento; seu rosto ennuviou-se de repente.

O magistrado olhou isso; e, proseguindo no seu interrogatorio, scientificou-se de que o commendador com effeito tivera parte n'esse trama, do que muito se admirára, e contra quem procederia em occasião opportuna.

Afinal poude o juiz habilmente conseguir o resultado que almejava, colhendo as provas da innocencia de Epiphany de Mattos, tendo a certeza de que o Capador fôra o autor de tão grande crime.

O Feiticeiro e Peito-Cabelludo corroboraram o que dissera a Cegonha, o que receberam boas gratificações por mandado de João Antonio.

O amante de Carolina, pois, estava livre e innocente do grave delicto que se lhe imputára.

Logo o juiz mandou prender o assassino Gonçalo; pô-

rém a escolta não o encontrou; por certo que elle, desconfiando da prisão de seus consocios, escondera-se.

O aventureiro havia sido esquecido por esses bandidos; não fallaram em seu nome.

O pai Indá, a Cegonha e os ladrões desceram para as enxovias, pois a sala da camaça era mesmo na cadêa.

Não podemos aqui descrever ao leitor as lamurias e ehoradeiras do cigano e da velha quando o magistrado ordenou ao carcereiro que tivesse toda a vigilança com os presos, que iam ser todos processados.

As pessoas curiosas, que assistiram ao interrogatorio d'esses homens, ficaram estupefactas ao saberem que o commendador estava mettido n'esse trama; não podiam definir qual era o motivo da perseguição que fizeram ao joven Mattos, sendo falsamente accusado.

Não conheciam tambem o mysterioso personagem que tanto interesse mostrava pela causa do mancebo; de tudo se fazia commentarios, e alguns até extravagantes, condemnando-se como complices d'essa intriga o subdelegado Apollinario e o advogado Jacarandá, que fizera parte no processo como assessor do juiz formador da culpa.

Deixemos essa gente murmurar á sua vontade, e prosigamos na nossa historia para não massarmos a nossos leitores.

O plano traçado pelo commendador para o assassinato do aventureiro estava frustrado pela prisão do Peito-Cabelludo, assim como não se effectuaria o projectado rapto de Flôr-de-Abril, tão suspirado por Leopoldo, porque o Capador agora se via só; além de estar já conhecido como o matador do Guimarães.

O ex-professor, sabendo do acontecido, déra parabens á sua fortuna por não ter sido denunciado, poisque os ban-

didos podiam compromettel-o no ardil por elle proprio tramado: ficára excessivamente satisfeito sabendo ainda que João Antonio ia ser processado, visto como haviam todos os indicios da sua culpabilidade, da qual o juiz municipal procuraria bem orientar-se.

Era quarta feira, vespera do dia designado pelo capitão para a entrega de seus bens ao aventureiro.

Este, depois de ter muito pensado sobre a consequencia d'um tal negocio de que poderia resultar-lhe algum mal, resolveu pelo seguro aconselhar-se com o rabula Jacarandá, a fim de tornar effectiva a doação que lhe passára João Antonio, de quem temia a traição.

E n'este intuito dirigio-se á casa do advogado.

O rabula estava escrevendo na sua banca uns *provarás*, quando Leopoldo appareceu-lhe.

Jacarandá o recebeu cheio de alegria, julgando o aventureiro lhe vinha trazer os trezentos mil reis que o commendador lhe devia.

Massou-se porém por ter-se enganado na sua conjectura, por isso que o ex-professor o illudira, dizendo que o devedor se negára a pagar-lhe.

— Aquelle commendador, resmungou o rabula, é um caipira refinado; ha-de pôr-me o dinheiro aqui dentro de tres dias, quando não temos muito panno para mangas.

— Oh! Sr. Jacarandá, fique tranquillo; João Antonio está por uma dependura..., o perigo é eminente.

— Não o comprehendo... não o comprehendo, murmurou o advogado respirando uma soffrivel pitada; temos então algum mysterio?

— Sim, senhor, é um mysterio que vai collocar o nosso fidalgo em horrivel tortura e talvez cause a sua ruina.

— Como assim?... grita o rabula fitando o aventureiro e mostrando-se surprezo.

— Eu já lhe explico esse mysterio, Sr. Jacarandá.

E Leopoldo fizera tudo patente ao advogado, pintando o caso ao vivo e carregando-o das mais negras côres.

O homem do fóro ficou boquiaberto como duvidoso do que ouvia.

Depois do que disse:

— Se assim fôr esse negocio, João Antonio está commettido, e eu hei-de estimar muito isso. Trezentos mil reis que me deve caros lhe hão de custar!

— Pois o que pretende fazer, Sr. Jacarandá?

— Um mal a esse commendador caipira.

— Como?

— Escute, Sr. Leopoldo, proseguio o rabula fallando alto e mirando o seu interlocutor: esse homem está mettido em mãos lencões; tenho muitas provas para perdê-lo.

— Explique-se, Sr. advogado.

— Olhe, eu irei expôr o facto ao juiz municipal tal como se passou...

— Ora, Sr. Jacarandá! para que tanto rodeie assim? falle-me de uma vez tudo, porque estou ancioso para ouvi-lo.

— Attenda, Sr. Campos, se com effeito é exacto o que me disse, eu então farei maior a culpa de João Antonio.

— Ainda duvida do que lhe disse?

— Não, porém....

— Creia-me, Sr. Jacarandá, creia-me.

— Pois bem, eu o creio.

— Mas vamos ao que me ia dizendo.

— Ouça, Sr. Leopoldo. João Antonio empenhou-se fortemente com Apollinario para a prisão de Epiphanio...

— D'isso sei eu, Sr. advogado.

— E' verdade, agora recordo-me que já lhe contei que

uma certa pessoa descobrio-me os amores do commendador com a viuva do Guimarães e...

— Tudo isso é velho.

— Velho como?

— Ora, Sr. advogado, quero dizer que já sei ha muito tempo d'esse negocio.

— Pois contarei esses amores ao juiz municipal, dizendo-lhe que o joven Mattos fôra processado por causa da louca paixão de João Antonio.

— E' este o mal que lênta fazer ao commendador, Sr. Jacarandá ?

— Acha pouco?

— Se a pessoa que lhe informou é de fé...

— Oh! é um moço de probidade.

— Pois n'esse caso pode sobrecarregar a culpa do commendador.

— E então não posso tomar a desforra ?

— Tem a faca e o queijo na mão.

— Hoje mesmo o juiz se orientará melhor do trama.

— Espere, Sr. Jacarandá, espere, observou o aventureiro sériamente, temos um trato a fazer.

— Sim?

— E assaz importante.

— Tanto melhor, Sr. Campos.

Este infermou ao rabula que o capitão lhe passára a escriptura de doação e que agora se negava a cumpril-a, occultando entretanto a astucia que empregára para isso.

A admiração de Jacarandá subio de ponto.

— E' incrível! disse. Tem ahi o traslado?

— Eil-o.

E o aventureiro tirou da algibeira do palitot o papel e o entregou ao advogado.

— Com effeito! exclamou este depois de ter lido a es-

eriptura ; João Antonio estava louco ! fazer uma doação sem mais nem menos !

— Mas quero saber se o contracto tem nullidade ?

— Nenhuma, Sr. Leopoldo.

— Posso haver esses bens do commendador ?

— Que duvida !

— Porém tenho ainda outro factó a contar—lhe.

— Qual ?

— João Antonio quer assassinar—me...

— O que diz, Sr. Campos ?

— A verdade.

— Tem testemunhas ?

— Infelizmente só tenho uma.

— Quem é ella ?

— Gonçalo, o Capador ; porém de nada me servirá porque este homem está denunciado, como sabe, Sr. Jacarandá.

— Isso é máo ; deve-se acautelar, pois que o commendador é muito caipira, e bem vê que esta gente para fazer uma morte...

— Oh ! acautelar—me—hei ; mas aconselhe—me, Sr. Jacarandá, como hei—de haver os bens que me pertencem ?

— O negocio não está nada bom, Sr. Leopoldo, responde o rabula sorvendo a sua pitada ; João Antonio precisa ser citado.

— Isso agora é ruim.

— Se elle nega—se a cumprir o trato, tanto que o quer assassinar !

O ex—professor, depois de reflectir um momento, disse :

— Vamos fazer o trato, Sr. Jacarandá ?

— Se me fizer conta...

— E' negocio de lucro. Dou—lhe uma—procuração para

receber por mim esses bens do commendador, e se m'os trouxer, dar-lhe-hei quinhentos mil reis. Serve-lhe?

O advogado pensou um instante.

— Não ha duvida que me serviria, porém aquelle caipira... temo-me d'elle...

— Olhe, Sr. Jacarandá, temos um meio excellente.

— Qual?

— Se elle obstinar-se, lhe dirá que eu posso perdê-lo de um dia para outro, cá por certos mysterios que sei...

— Que mysterios, Sr. Leopoldo!

— Com vagar tudo lhe patentearei, Sr. advogado.

— E dá-me os 500 mil reis pelo trabalho que vou ter?

— E que duvida ha n'isso?

— Está feito o trato, disse o rabula resolutivo: irei amanhã á fazenda de João Antonio, em companhia de Apollinario que lá tem um negocio.

— Bom, volve o aventureiro como satisfeito; é a proposito, porque o commendador me havia dito que eu podia procurar por esses bens na quinta feira, e amanhã é justamente o dia por elle designado. A tarde, pois, voltarei cá trazendo-lhe a procuração, Sr. Jacarandá.

E logo se despedio do advogado, advirtindo-lhe ainda que empregasse os maiores esforços para conseguiro bom exito do negocio. E dirigio-se para a sua casa.

O ex-professor, pensando bem sobre o intento do capitão, resolveu, por via de duvida, não ir á sua fazenda, por quanto era muito provavel o apparecimento d'um ministro, e' isso por'for,na alguma não lhe convinha, visto como machinava a perda de João Antonio, tencionando tomar-lhe todos os bens para levar a effeito o sonho de sua existencia — a opulencia e a grandeza, e por esse motivo fizera o trato com o rabula, esperando *tirar a sardinha com a mão do gato.*

CAPITULO DECIMO SEGUNDO.

Os dois amigos.—Cynismo de Leopoldo. O commendador assassino.

São sete horas da tarde.

Fabricio está com seu amigo Epiphanio que já se acha em sua casa, em cuja sala conversão alegremente.

O joven, logo que tivera o aviso do juiz municipal, declarando-lhe a sua innocencia, tendo este por tanto revogado o despacho de pronuncia no summario da morte do negociante, em vista das declarações feitas pelas tres testemunhas falsas, o joven, repetimos, viera para a cidade, cheio de jubilo, em companhia do guarda-mór Estevão, que vinha de sua parte agradecer o generoso e grande serviço que o desconhecido fizera ao mancebo; porém não o poudo encontrar e retirou-se algumas horas depois para a chacara das Palmeiras, deixando Epiphanio em casa, que protestára eterno reconhecimento pelos obsequios que lhe havia feito o honrado homem.

— Está desmoronada a intriga, amigo, disse Fabricio com a alma trasbordada de prazer; e isto tudo é devido ao desconhecido, que procura concluir a sua boa obra pelo teu casamento com a bella Carolina.

— Oh! quanto beneficio devo a esse personagem! já-mais o corresponderei! exclamou Epiphanio solemnemente.

— Mas ao menos resta-le a gratidão.

— Que será eterna, Fabricio. Agora estou ancioso por ter noticias de minha estimada Carolina.

— Tranquillisa-te, amigo; tu bem sabes que o teu mysterioso protector prometteu dar-te a linda viuva; para que, pois, te incomodas com isso?

— Ora, Fabricio, tu não comprehendes o que é amor.

— Porque fallas assim?

— Porque és alheio a essa paixão em que o amante extremoso definha.

— Não tenho amores, é verdade; mas calculo bem o que é esse sentimento.

— Quizera ser como tu: tendo a alma em socago.

— Os teus desejos brevemente se cumprirão; a briza da felicidade virá te beijar docemente junto da tua querida Carolina, e então o teu coração navegará em verdadeiro mar de rosas, conduzindo-te para o porto das delicias.

— Ah! Fabricio! estás poetizando o meu soffrimento, murmurou Epiphanio sorrindo bondosamente.

— Não, Epiphanio, faço apenas uma suave comparação d'esse sentimento.

— Caçôas comigo?

— Fallo-te sério; não preciso dizer-te que o amor é um poema dulcissimo, um livro d'alma, cujas paginas empregnadas de enebriantes perfumes prendem, fasciam, arrastam, e...

— Basta, basta, amigo, não prosigas; com essa linguagem tu me pões o coração quebrado pela saudade. Disseste bem: o amor é o livro d'alma, é o livro das doçuras e dos encantos; é a fonte de suavissimo nectar, onde se bebe a embriaguez...

— Assim, Epiphanio! volve Fabricio fitando o joven com significativo sorriso; poetizas soffrivelmente, e a imagem dourada que de continuo te esvoaça pelo pensa-

mento, essa imagem de belleza te inspirará idéas sublimes... escreve um livro do coração...

— Eu ?

— Tu mesmo.

— Não me acho habilitado para isso... conheço a minha insufficiencia.

— Porém, com pouco trabalho podes conseguir muito.

— Talvez, Fabricio.

— A poesia emana de Deos, e assim...

N'esse interim bateram palmas á porta da sala.

Epiphanio foi abril-a.

Ficou todo tremulo e convulso ao encontrar-se com Leopoldo de Campos.

— Oh ! disse este com o maior phlegma, vejo que estás zangado comigo... temos muito que conversar, amigo.

E o aventureiro entrou, saudando a Fabricio que o tratou friamente.

— Dou-te os parabens, amigo ! confundiste os teus inimigos e sahiste victorioso da intriga que...

— Sr. Leopoldo, eu não estou disposto a ouvi-lo, murmurou o joven seccamente; faz-nos obsequio deixando-nos.

— Ora, meu caro Epiphanio, deixa-te d'isso... esses arrufos são proprios da juventude ; entendamo-nos primeiro.

O amante de Carolina nada respondeu, e, accendendo um charuto no phosphoro, principiou a fumar-o.

Fabricio revoltava-se contra o ex-professor vendo tanta ousadia.

Este sentou-se n'uma cadeira.

Os dois amigos se olharam massadas e como que trocando estas palavras :

— Que impudencia !

— Que cynismo!

— Meu bom Epiphanio, continuou Leopoldo no mesmo tom, já sabes que o commendador João Antonio....

— Sei de tudo, sei de tudo, responde o joven rispidamente e como expulsando o aventureiro.

— Mas não sabes que se projecta um novo rapto de Carolina!

— Sendo o senhor o autor d'essa trama... ajuntou desabridamente Epiphanio.

— Eu, meu querido mancebo?! exclamou o aventureiro com o maior cynismo.

— Ora, Sr. Leopoldo, observou o joven Mattos com desprezo; para que este disfarce? para que illudir-me? suas palavras para mim não merecem o minimo conceito, e além de que a cada momento minha razão se revolta contra um tal embusteiro.

O aventureiro deu uma gargalhada, como se tomasse a resposta do mancebo por méro gracejo.

Fabricio, máo grado seu, rib-se tambem, julgando ver diante de si um habil actor de farça, pois que a attitude e os gestos do ex-professor isso denunciavam.

Epiphanio conservou-se sério.

— Então tomas-me por um embusteiro, meu caro joven?

— Já lhe disse, Sr. Leopoldo.

— Ah! pensas que fui eu quem entregou Carolina a João Antonio?

Mattos fumava o charuto e nada disse.

— Pois quer me acredites, quer não; o commendador é o culpado de tudo. Foi elle que, aproveitando-se dos instantes da minha ausencia, desvairado como estava, quiz cumprir a sua louca paixão, forçando a bella viuva....

— Torno a repetir-lhe, senhor, volve o joven com des-

dem, sei d'esse trama todo... não quero ouvir-o... faça o favor de deixar-me.

— Olha, meu caro mancebo, estás me expulsando da tua casa pensando que eu te venho enganar; pois pelo contrario, previno-te que João Antonio tenta novamente raptar a linda viuva.

— Dou tudo isso ao desprezo, Sr. Leopoldo.

— Vê lá o que fazes... depois não te arrependas...

— Deixe-me, homem! deixe-me! murmurou Epiphanio com raiva.

— Mas eu te queria informar que....

— Não continue!

E Mattos, levantando-se da sua cadeira, passeou pela sala, virando as costas para o ousado aventureiro.

— Pois bem, retiro-me, disse este com toda a pachorra; expulsas-me da tua casa... paciencia!

— Com homens de sua qualidade, Sr. Leopoldo, não se deve ter relações algumas, e por tanto peço-lhe que não mais me appareça aqui.

— Que ingratidão! exclamou o aventureiro sem offender-se com Epiphanio e mostrando-lhe um traçoeiro sorriso.

— Com effeito! accrescentou Fabricio admirado de ver tanto cynismo.

O joven Mattos continuava a passear de um lado a outro da sala, e não podendo mais supportar a presença do aventureiro, pegando em seu chapéo que se achava em cima de um aparador, disse ao seu amigo:

— Vem, Fabricio, vamos dar um passeio á casa do vi-gario A. M., a quem devo um grande obsequio.

— Oh! retorquiu o ex-professor pegando tambem o chapéo, não precisas sahir, meu caro mancebo; eu já te deixo.

E estendeu a mão a Epiphanio.

Este não deu a sua.

— Estás zangado, não ha duvida; porém cedo ou tarde conhecerás se sou ou não teu amigo.

E o aventureiro sahio da sala.

— Amigo, ponderou Fabricio ainda admirado da ousadia imperturbavel de Leopoldo; eis o homem verdadeiramente cynico; o homem de quem a sociedade se deve temer.

— Deixemos este intrigante, amigo; não quero ajuntar uma só palavra a seu respeito. Vamos dar o passeio á casa do vigario?

— Vamos. Epiphanio.

Alguns momentos depois os dois amigos se achavam na rua.

N'essa mesma tarde, seriam oito horas mais ou menos, o aventureiro estando só na sua sala, passeava, tendo, como era do seu costume, o gorro na cabeça.

Elle machinava ainda a intriga que lhe devia dar a opulencia, reflexionando comsigo:

— Fiz mal em ir tão depressa á casa de Epiphanio; devia deixar para mais tarde, quando visse que o seu casamento com a viuva seria effectuado, e então os meus planos teriam mais probabilidade de bom exito; porém não importa o erro; o joven, por faz ou por néfaz, ha-de cahir na cilada que novamente lhe vou armar. Assentei de ser rico á custa de especulações, e.... oh! Leopoldo, tem muito que andar para chegares aos teus fins; porém a riqueza não se ganha sem trabalhos e incommodos. Faz-te muita falta agora o Capador e seus companheiros; elles muito te ajudariam n'esta importante empreza.

E o ex-professor parou um instante, como coordenando bem as suas idéas.

Depois continuou :

— E Flôr-de-Abril? como a terei em meus braços? como fruir aquella doçura do amor que lhe tenho? O projecto de Gonçalo ficou frustrado, cumpre-me, pois, traçar outro. D'uma ou d'outra maneira — Maria será minha; é verdade que tenho minhas desconfianças d'esse mancebo que se acha em casa do Dr. Luiz Alvares, e demais, a mudança de Simão para a cidade... e vir morar junto do medico... aqui ha o que quer que seja... porém hei-de sondar isto com toda a cautela a ver se com effeito o moço é amante da menina... ah! meu pobre cordeirinho! terás um lobo para te devorar se sahir certo o que penso... Diabo! que tanta cousa occorre-me hoje á idéa! Descobri outra pipineira... e esta é excellente! O Jacarandá, por certo, conseguirá de João Antonio o cumprimento da escriptura... logo que tenha comigo esses bens, traçarei a perda do *fidalgo*, servindo-me d'um instrumento o melhor possivel... e esse instrumento será Catharina, a propria *caseira* do capitão... ella dará a denuncia das notas falsas, e depois temos ainda mais....

Um homem entrou bruscamente na sala, cuja porta o aventureiro não fechára com a chave.

Era João Antonio.

— Oh! meu commendador! não o esperava aqui hoje, balbuciou Leopoldo surprehendido.

— Não esperava-me, homem? responde o capitão com arrogancia; pois eu venho concluir o meu trato para evitar que me chame a juizo.

— Meu fidalgo... esse tom em que me falla, parece-me que....

— Sei, proseguio João Antonio, que fez um ajuste com o Jacaranhá para receber de mim a metade de minha fortuna...

— E' verdade, commendador, é verdade... porque tive justo receio de V. S.

— Ah! teve receio? E de que?

— De V. S. assassinar-me.

O capitão deu uma risade sinistra, dizendo:

— Hoje, pois, fica tudo acabado.

— Acabado como, commendador?

— Pagando-lhe o que devo, para não denunciar-me porque diz que sabe de minha vida.

— Sim, meu commendador, se caçoasse comigo, opondo-se á entrega dos bens que me pertencem, eu patentearia á justiça a existencia d'um certo thesouro....

João Antonio, rugindo como uma féra ferida pelo caçador, com a velocidade do pensamento, pucha d'uma aguda faca e a embebe sobre o peito de Leopoldo, que não havia, previsto semelhante premeditação.

Este, dando um profundo gemido, cahio no pavimento, fazendo um grande baque.

O commendador tinha desaparecido.

A escrava do aventureiro, ouvindo esse gemido, acudio logò a ver o que era.

Ficou aterrorisada vendo o seu senhor deitado n'uma poça de sangue.

INDICE.

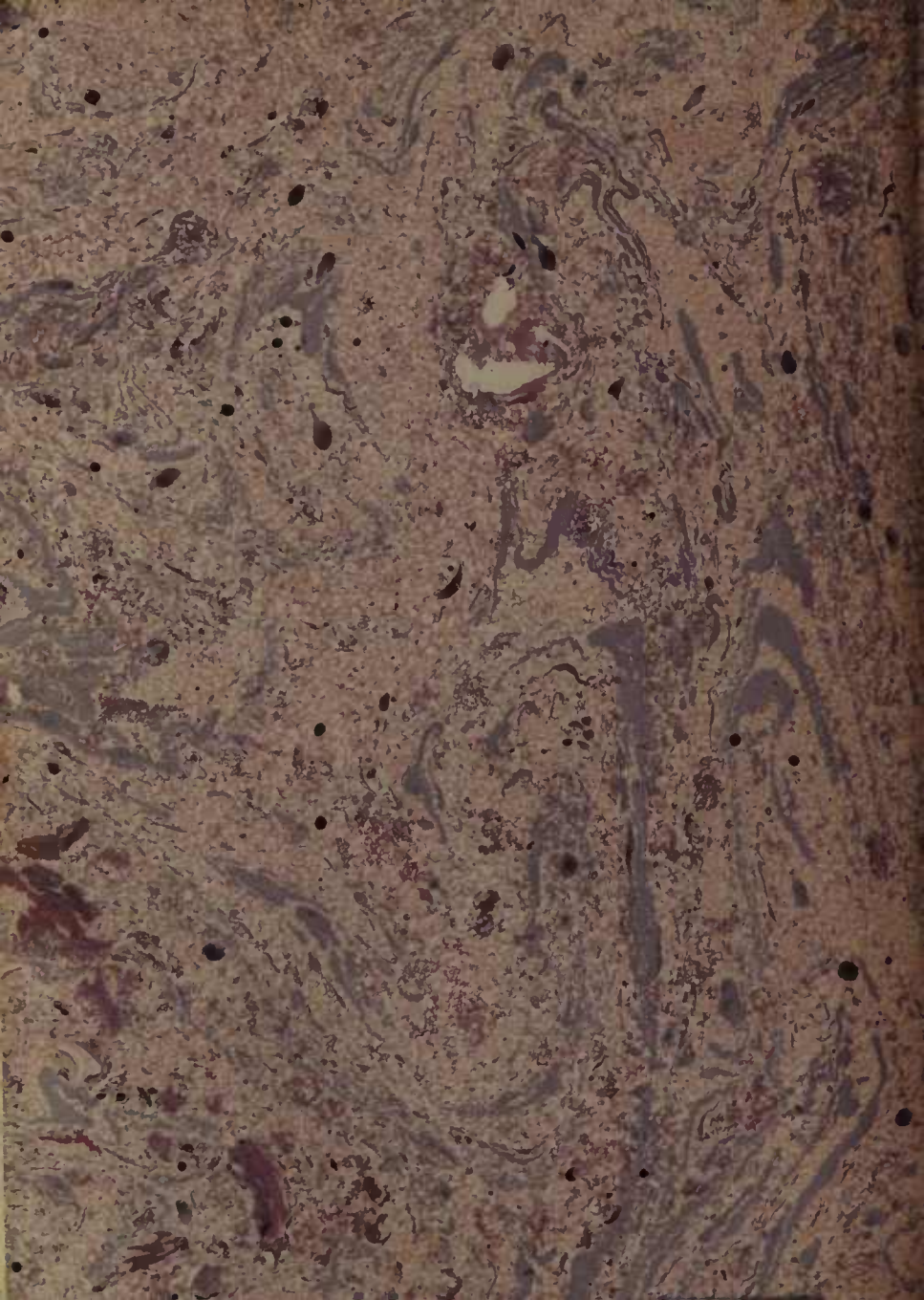
TERCEIRA PARTE.

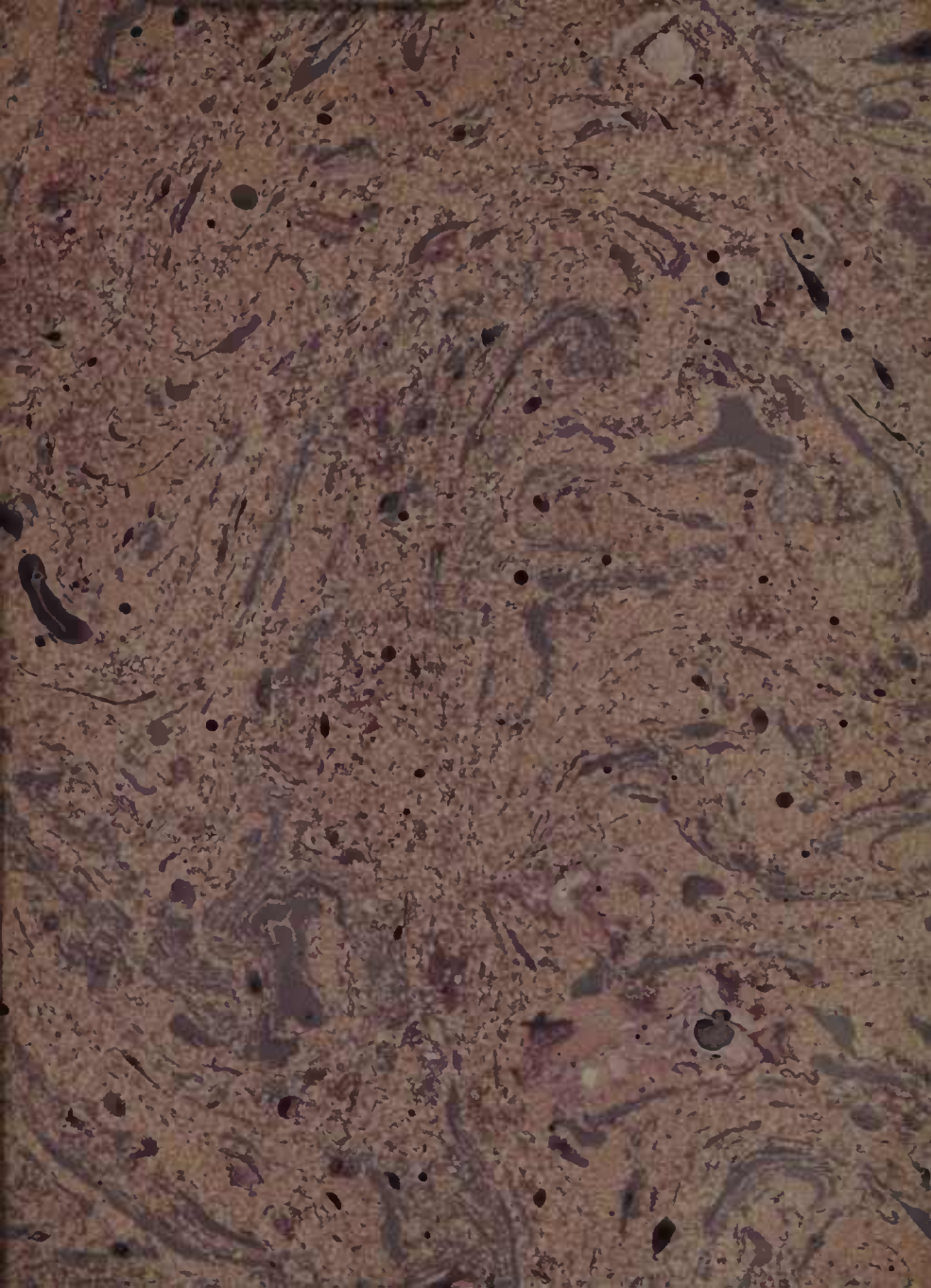
CAP. I. A chacara das Palmeiras. — Epiphanio e o guarda-mór Estevão	5
CAP. II. As moedas falsas do commendador João Antonio	14
CAP. III. O commendador, hallucinado, horrorisa-se das santas palavras do sacerdote.	24
CAP. IV. O doutor Luiz Alvares, Ernesto e o enfermo. — Terna gratidão	32
CAP. V. O desconhecido finge-se embriagado e tudo descobre	42
CAP. VI. Uma idéa de sangue e um pensamento de felicidade.	52
CAP. VII. Flôr-de-Abril tem duas amigas. — Ingenua confissão. — O vigario	61
CAP. VIII. João Antonio procura a morte de Leopoldo	70
CAP. IX. Os dois amigos. — A intriga de Leopoldo vai ser derribada pelo desconhecido	78
CAP. X. João Antonio encontra um capanga. — O Capador e Leopoldo	86
CAP. XI. O desconhecido derriba a intriga contra Epiphanio. — Jacarandá e Leopoldo	95
CAP. XII. Os dois amigos. — Cynismo de Leopoldo. — O commendador assassino	104

ERRATAS.

		ERROS.	EMENDAS.
Página	16 linha	18 —oniverſo—	universo.
«	17 «	4 —ceremodia—	ceremonia.
«	18 «	10 —entrára—	dirigira-se.
«	60 «	21 —tica—	tóca.
«	73 «	25 —chapaho—	chapado.
«	81 «	2 —impotaram—	imputáram.
«	86 «	10 —entrando dentro do—	entrando no cortiço.









BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).